



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Artes e Letras

Prática de Ensino Supervisionada
Educação Visual (8º Ano)
Desenho A (12º Ano)
Do Lixo à Obra de Arte
Reutilização como recurso em Artes Visuais

Paula Sofia dos Santos Varandas

Relatório de estágio para a obtenção do Grau de Mestre em
Artes Visuais no 3º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário
(2º ciclo de estudos)

Orientador científico: Prof^a. Doutora Fátima Caiado
Orientador pedagógico: Mestre Luís Branco

Covilhã, Junho de 2013

Dedicatória

À minha filha, Beatriz.

Agradecimentos

À Profª Doutora Fátima de Oliveira Caiado, pelo seu apoio, pela paciência e acima de tudo pela compreensão, que se tornaram fundamentais no desenvolvimento deste projeto.

Ao Professor cooperante, pela confiança, e disponibilidade que sempre demonstrou.

Aos meus colegas de estágio, Ana Inês Pombo, João Lopes e Sara Fernandes pelos momentos de partilha e companheirismo.

Aos meus pais e familiares que sempre me apoiaram e me incentivaram a levar este projeto em frente.

A todos os meus amigos que de alguma forma contribuíram, mostrando-se sempre disponíveis em me ajudar.

Por fim quero deixar um agradecimento muito especial, ao Nelson, meu marido, pela dedicação, pela paciência, pelo apoio, pelas palavras de incentivo e por todo o seu amor demonstrado nos momentos mais difíceis. Sem ele este percurso não teria sido possível.

Resumo

“Do lixo à Obra de Arte” é o nome que dá título ao relatório de estágio, que surge no âmbito do Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário. Apresenta-se dividido em duas partes, tendo a primeira por objetivo abordar a utilização de reciclagem e materiais reutilizáveis nas disciplinas de artes visuais, realçando também a importância social e educativa que tem vindo a ocupar no processo de ensino/aprendizagem.

O envolvimento dos alunos nos processos de aprendizagem, através de atividades que proporcionem a criação de algo novo a partir do “descartável”, pode combater a falta de interesse e a consequente desvalorização das disciplinas de artes. Estas atividades lúdicas e práticas quando bem utilizadas podem transformar-se em estratégias que facilitam o trabalho pedagógico e contribuam para a construção do conhecimento.

Aliar a utilização de objectos e materiais de uso quotidiano com técnicas dominantes na área das artes, incentiva o aluno a empregar comportamentos positivos visando a preservação do ambiente e a valorização da arte de re-criar.

A segunda parte refere-se a todas as atividades desenvolvidas durante a Prática de Ensino Supervisionada, na Escola Secundário c/ 3º Ciclo do Fundão, no ano letivo 2012/2013, em disciplinas integrantes de dois ciclos de ensino. A disciplina de Educação Visual numa turma de 8º ano e Desenho A numa turma de 12º ano no curso científico-humanístico de Artes Visuais.

Anexos e Apêndices encontram-se em CD na contracapa deste documento. Em apêndices, importante complemento, estão todos os documentos desenvolvidos pela autora deste relatório, nomeadamente, planificações (a longo, medio e curto prazo), aulas preparadas, fotografias dos trabalhos dos alunos, atividades extracurriculares, entre outros mencionados ao longo do texto.

Palavras-chave

1. Arte, 2.Educação, 3.Reciclagem, 4.Reutilização, 5.Prática de Ensino Supervisionada.

Abstract

“From Garbage to Artwork” is the name that gives title to the pedagogical report, which comes as part of the Master’s degree in Teaching Visual Arts in the 3rd cycle of Basic Education and Secondary Education. It is presented in two parts, with the first part it is intended to address the use of recycling and recyclable materials in the visual arts subjects, emphasizing the social and educational importance that has come to occupy in the process of teaching/learning.

The involvement of students in the learning process through activities that enable the creation of something new through the “disposable”, can combat the lack of interest and the consequent devaluation of arts subjects. These recreational and practical subjects when used properly can turn into strategies that help the pedagogical work and contribute to the construction of knowledge.

Combining the use of everyday objects with dominant techniques in the arts area encourage students to use positive behavior aimed at preserving the environment and the appreciation of the art of re-creation.

The second part of this work refers to all activities made during the Supervised Teaching Practice in Fundão Secondary School /3rd Cycle, in the academic year 2012/2013, in both cycles of teaching: the subjects of Visual Education (8th grade) and Drawing (12th grade) in the scientific-humanistic Visual Arts course.

At appendixes (all stored in a CD, in the inside folder of this report) will be all activities planning’s, work sheets, evaluation accounts, photographic registration of ongoing classes and work done by students in the classroom and extracurricular activities accompanied by the author of this report.

Keywords

1. Art, 2.Education, 3.Recycling, 4.Reutilization, 5.Supervised teaching practice.

Índice

Resumo	vii
Abstract	ix
Índice	xi
Lista de Figuras	xv
Lista de Tabelas	xix
Lista de Acrónimos	xxi
Introdução	1
Parte 1: Reutilização como recurso em Artes Visuais	3
Introdução	3
Capítulo I: Do “lixo” à obra de arte	5
I.1. Século XX – Introdução de novos materiais e técnicas	5
I.1.1. A arte de crítica social.....	6
I.1.2. Novas formas de arte	8
I.1.3. Arte como veículo de comunicação	15
I.1.4. O pensamento ecológico	18
I.2. O “lixo” em criações contemporâneas	22
Capítulo II: A reutilização no ensino das artes visuais	27
II.1. Materiais	27
II.2. Técnicas	28
II.3. Propostas de atividades	29
II.3.1. Disciplina de Educação Visual	31
II.3.2. Proposta/Descrição/Planificação de atividades	32
A. Construção de pontos:	32
Planificação A.....	33
B. Ilustração:	34
Planificação B	35
C. Representação tridimensional de figuras:	36
Planificação C	37
D. Animais:.....	38
Planificação D.....	39
E. Construção de Objetos reciclados:	40
Planificação E	41
II.3.3. Disciplina de Oficina de Artes.....	42
II.3.4. Descrição/Planificação de atividades	42
A. Amigo imaginário:	42
Planificação A.....	43

B. Autorretrato alegórico:.....	44
Planificação B.....	45
C. Lugar ideal:	46
Planificação C.....	47
D. Obra de desperdícios:	48
Planificação D.....	49
Parte II: Prática de Ensino Supervisionada.....	51
Introdução	51
Capítulo I: Escola e Comunidade Educativa	53
I.1. Agrupamento de Escolas do Fundão	53
I.2. Escola Secundária do Fundão c/ 3º Ciclo Ensino Básico	53
I.2.1 Infraestruturas do Ensino de Artes Visuais na ESF.....	55
I.2.2. Departamento de Expressões e Grupo Disciplinar (600)	55
I.3. Núcleo de estágio.....	55
I.4. Horário da Prática de Ensino Supervisionada	56
I.5. Caracterização das turmas de PES	57
I.5.1. Turma 8º D.....	57
I.5.2. Turma 12º CAV.....	58
I.6. Educação Artística no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário.....	58
I.6.1. Projeto “Metas de Aprendizagem”	59
I.6.2. Enquadramento no currículo nacional do 3º Ciclo do Ensino Básico	59
I.6.2.1. Análise da disciplina de Educação Visual	60
I.6.3. Enquadramento no Currículo Nacional do Ensino Secundário	61
I.6.3.1. Análise da disciplina de Desenho A.....	62
Capítulo II: Atividades Desenvolvidas	65
II.1. Diagnóstico das Turmas PES.....	65
II.1.1. Análise diagnóstica turma 8ºD.....	66
II.1.2. Análise diagnóstica turma 12ºCAV.....	67
II.2. Divisão das Unidades Temáticas	67
II.3. Aulas – 1º Período.....	69
II.3.1. Disciplina de Educação Visual	69
II.3.1.1. Primeira aula assistida – 26 Outubro 2012.....	70
II.3.1.2. Segunda aula assistida – 2 Novembro 2012	71
II.3.1.3. Terceira aula assistida – 9 Novembro 2012.....	71
II.3.1.4. Quarta aula assistida – 16 Novembro 2012.....	72
II.3.2. Disciplina de Desenho A	73
II.3.2.1. Primeira aula assistida – 28 Novembro 2012	74
II.3.2.2. Segunda aula assistida – 30 Novembro 2012	75
II.3.2.3. Terceira e quarta, aulas assistidas – 3 e 5 Dezembro 2012	76
II.3.2.4. Quinta Aula assistida – 10 Dezembro 2012.....	76
II.3.2.5. Sexta e sétima, aulas assistidas – 12 Dezembro 2012 e 4 de Janeiro 2013.....	77
II.4. Aulas – 2º Período.....	78
II.4.1. Disciplina de Desenho A	79
II.4.1.1. Primeira aula assistida – 18 Fevereiro 2013	80
II.4.1.2. Segunda aula assistida – 20 Fevereiro 2013	80
II.4.1.3. Terceira aula assistida – 22 Fevereiro 2013	81

II.4.1.4. Quarta e quinta, aulas assistidas – 25 e 27 de Fevereiro 2013.....	82
II.5. Acompanhamento dos Portefólios.....	82
II.6. Avaliações.....	83
II.7. Atividades Complementares e Extracurriculares.....	83
II.7.1. Exposição dos trabalhos dos alunos da turma 12ºCAV.....	84
II.7.2. Caricatura Secretário de Estado.....	84
II.7.3. Visita de Estudo à Exposição “Paisagens Urbanas”.....	85
II.7.4. Olimpíadas da Oratória.....	86
II.7.5. Visita de Estudo Espanha.....	86
II.7.6. Fórum Fundação Educa.....	89
Considerações Finais.....	92
Bibliografia.....	94
Netgrafia.....	95
Índice de Anexos.....	98
Índice de Apêndices.....	100

Lista de Figuras

Figura 1 - Pablo Picasso, <i>Natureza morta em fundo de palhinha</i> , 1911-12, colagens.....	5
Figura 2 - Kurt Schwitters, <i>Merzbild 25 A</i> , Imagem das Estrelas 1920, <i>assemblage</i>	7
Figura 3 - Marcel Duchamp, <i>Fonte</i> , 1917, urinol de porcelana	7
Figura 4 - Max Ernst, <i>Duas crianças ameaçadas por um rouxinol</i> , 1924, <i>assemblage</i>	8
Figura 5 - Jean Dubuffet, <i>Apartment Houses</i> , Paris, 1946, óleo, areia e carvão sobre tela	9
Figura 6 - Pascal-Désir Maisonneuve, <i>L'éternelle infidèle</i> , 1927-1928, escultura conchas, 42cm altura	10
Figura 7 - Augusto Forestier, <i>sem título</i> , 1935-1949, escultura de madeira e vários materiais,	11
Figura 8 - Armand Schulthess, <i>sem título</i> , sem data, arame, madeira e placas de metal pintadas,	11
Figura 9 - Angelo Meani, <i>sem título</i> , sem data, escultura vários materiais, 60cm de altura ..	12
Figura 10 - André Robillard, <i>sem título</i> , 1964, escultura de madeira e vários materiais, 114cm comp.	12
Figura 11 - Judith Scott, <i>sem título</i> , 1998, escultura fio de lã e outros materiais,	13
Figura 12 - Alberto Burri, <i>Rosso plástica L.A.</i> , 1966, <i>plástico e acrílico em combustão</i>	13
Figura 13 - Antoni Tàpies, <i>Composicion com ropa y cuerda</i> , 1975, técnica mista e <i>assemblage</i> s/cartão,	14
Figura 14 - Louise Nevelson, <i>Sky Chatedral</i> , 1958, <i>assemblage</i> madeira pintada, 343.9 x 305.4 x 45.7 cm.....	14
Figura 15 - Robert Rauschenberg, <i>Odalisk</i> , 1955-58, 210.8 x 64.1 x 68.8 cm.....	15
Figura 16 - Michelangelo Pistoletto, <i>Venus of the rags</i> , 1967, <i>escultura-instalação</i>	16
Figura 17 - Mário Merz, <i>Igloo Nero</i> , 1967-1979, <i>instalação</i>	17
Figura 18 - Arman Fernandez, <i>Robert Rauchenberg's Refuse</i> , 1970, <i>lixo em caixa acrílica</i> ...	17
Figura 19 - Niki de Saint Phalle, <i>Vénus</i> , 1964, lã e outros objetos sobre malha	18
Figura 20 - Frank O. Gehry, <i>Cadeira Wiggle Side Chair</i> , 1972, cartão.....	19
Figura 21 - Adrien Gardère, <i>Estante e Mesa</i> , 1997, madeira e inox	19
Figura 22 - Eva Menz, <i>Money Can't Buy Me Love</i> , sem data, candeeiro de plástico reciclado, cristal e objetos encontrados, diâmetro 500 e altura 100cm	20
Figura 23 - Rob Thompson, <i>Rob Thompson</i> , 2005, plástico e materiais desperdiçados, pormenor.....	20
Figura 24 - Kazutoshi Amano & Shinichi Sasaki, <i>Silla Mould</i> , 2002, pasta de papel	21
Figura 25 - Victor Vetterlein, <i>Trash me</i> , sem data, pasta de papel	21
Figura 26 - Vik Muniz, <i>Marat/Sebastião</i> , 2010, lixo	22
Figura 27 - Luis de Dios, <i>Xandi Kreuzeder, João Parrinha, Tuna</i> , 2007, <i>latas</i>	23
Figura 28 - Joshua Allen Harris, <i>Fight global warming</i> , sacos de plastic	24
Figura 29 - Michel de Broin, <i>Dead Star</i> , 2008, pilhas.....	24
Figura 30 - Nick Gentry, <i>Blink</i> , 2011, pintura mista e disquetes.....	25
Figura 31 - Robert Bradford, <i>Avestruz</i> (detalhe), aço, madeira e brinquedos, 70 X165cm	25
Figura 32 - Bruno Munari, <i>Garfos-mão</i>	30
Figura 33 - Joana Vasconcelos, <i>Coração Independente dourado</i> , 2004	30
Figura 34, 35 e 36 - Instalações de Artes Visuais na Escola Secundária com 3º Ciclo do Fundão	55
Figura 37 e 38- Exercício de representação diagnóstica de alguns alunos	66
Figura 39, 40, 41 e 42 - Representação diagnóstica da aluna Beatriz E. e Eduardo P.	67
Figura 43, 44, 45 e 46 - Exercício de aplicação dos conteúdos, dos alunos Beatriz S., Cindy A., Jéssica A e Henrique F.	70

Figura 47, 48 e 49 - Composições finais. Trabalhos das alunas Beatriz S., Beatriz B. e Maria João D.....	72
Figura 50, 51 e 52 - Composições finais. Trabalhos dos alunos, Jéssica A., Pedro G. e André T.	72
Figura 53 e 54 - Estudos das expressões do rosto, trabalho de Rodrigo V.	75
Figura 55 e 56 - Estudos do rosto - autorretrato, trabalhos de Beatriz E. e Inês M.	75
Figura 57, 58 e 59 - Propostas finais do autorretrato, Inês M., Sebastião L. e José B.....	76
Figura 60 e 61 - Propostas finais da caricatura, trabalhos da aluna Beatriz E.	78
Figura 62 e 63 - Exercício de representação da sala de aula. Trabalhos dos alunos Inês M. e José B.	81
Figura 64 e 65 - Propostas finais da vista imaginária de espaços - para além do visível, trabalhos dos alunos Eduardo P. e Sebastião L.	82
Figura 66 e 67 - Exposição dos trabalhos dos alunos no átrio da ESF.....	84
Figura 68 e 69 - Fotografia de João Grancho, Secretário de Estado do Ensino Básico e Ensino Secundário e Caricatura trabalho realizado pela aluna Inês Marques.....	85
Figura 70 e 71 - Visita à Exposição de Joana Gancho, na Moagem.....	85
Figura 72 - Cartaz elaborado para as “ <i>I Olimpíadas da Oratória</i> ”	86
Figura 73 e 74 - Visita ao Museu do Tratado de Tordesilhas	87
Figura 75 e 76 - Visita à Catedral Gótica - Burgos	87
Figura 77 e 78 - Aula da autora do relatório no Parque Guëll	89
Figura 79 e 80 - Exposição da turma 12º CAV no exterior da Moagem	90
Figura 81 e 82 - Atelier de desenho na zona circundante à Moagem	90
Figura 83 e 84 - Trabalhos resultantes do atelier de Cianotipia.	91

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Listagem das escolas pertencentes ao Agrupamento	53
Tabela 2 - Horário da Prática de Ensino Supervisionada.....	57
Tabela 3 - Distribuição das UT pelo NE para o 1º período	68
Tabela 4 - Divisão dos tempos letivos da UT: Elementos da Linguagem visual ponto e linha ..	69
Tabela 5 - Cronograma de distribuição da UT - Retrato, autorretrato e caricatura.....	73
Tabela 6 - Divisão dos tempos letivos dos módulos do autorretrato e caricatura.....	73
Tabela 7 - Distribuição das UT de Desenho A pelo NE para o 2º Período	78
Tabela 8 - Divisão dos tempos letivos da UT: Vista imaginária de espaços, para além do visível	79

Lista de Acrónimos

AV	Artes Visuais
CEB	Ciclo do Ensino Básico
CAV	Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais
CT	Ciências e Tecnologias
EB	Ensino Básico
EMA	Estímulo à Melhoria das Aprendizagens
ES	Ensino Secundário
ESF	Escola Secundária do Fundão
EV	Educação Visual
GATA	Gabinete de Aprendizagem por Trabalho Autónomo
IPCB	Instituto Politécnico de Castelo Branco
IADE	Instituto de Arte e Decoração
LH	Línguas e Humanidades
MEAV	Mestrado de Ensino em Artes Visuais
NE	Núcleo de Estágio
NEE	Necessidades Educativas Especiais
PAA	Plano Anual de Atividades
PC	Professor Cooperante
PCT	Plano Curricular de Turma
PE	Professor Estagiário
PEE	Plano Educativo de Escola
PES	Prática de Ensino Supervisionada
PPA	Plano Plurianual de Atividades
UBI	Universidade da Beira Interior
UT	Unidade Temática

Introdução

Este relatório surge no âmbito do Mestrado de Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico (MEAV), na Universidade da Beira Interior (UBI). Como tal, engloba uma componente de investigação num tema pertinente para a pedagogia e didática das artes visuais (patente no subtítulo do relatório - Do Lixo à Obra de Arte. Reutilização como recurso em Artes Visuais) e o relato, propriamente dito, da prática de ensino supervisionada (PES), realizada em duas disciplinas: Educação Visual (3º ciclo - 8º ano); Desenho A (Curso científico humanístico de artes visuais - ensino secundário - 12º ano). Pretende, ainda, fazer uma ponte entre a investigação e a própria PES, não no sentido de uma investigação-ação ou de deduzir ou inferir através de observação direta, mas no sentido de refletir e propor atividades pensadas em torno das problemáticas, atuais, da reutilização e pensamento ecológico. O relatório apresenta-se, deste modo, dividido em duas partes:

A primeira parte dedicada à investigação intitulada “*Do Lixo à Obra de Arte*”, focando a reutilização de materiais como recurso em Artes Visuais. Esta, por sua vez, constituída por dois capítulos: no primeiro a pesquisa teórica, inventariando a introdução de materiais inusitados, em várias manifestações artísticas, a partir do século XX, referindo-se, também, o pensamento ecológico que surgiu nos anos 90 ligado ao design, abordando alguns artistas/designers que, nos seus projetos, demonstraram essa preocupação e ainda criações contemporâneas elaboradas com lixo/ materiais rejeitados (Vik Muniz, entre outros não legitimados pelos museus ou crítica de arte); o segundo capítulo dedica-se à reutilização como recurso no ensino das artes visuais, descrevendo as propriedades dos materiais reutilizáveis, assim como, as técnicas de ligação, aplicados no desenvolvimento das atividades em contexto sala de aula, apresentando-se no final, propostas de atividades (planificações) através da reutilização de materiais nas disciplinas de Educação Visual (3º ciclo) e Oficina de Artes (ensino secundário). Esta parte baseou-se essencialmente em investigação bibliográfica e responde às seguintes questões de investigação:

- Que artistas, obras ou movimentos artísticos, recorreram ao uso de materiais rejeitados? Como foi feita essa integração, em termos formais, estéticos, técnicos e quais os propósitos da mesma (políticos, estéticos, sociais, ou outros)? (capítulo I)

- Como se pode integrar a reutilização destes materiais nas disciplinas de Artes Visuais? Quais os programas das disciplinas, em contexto nacional, que contemplam a reutilização como meio/procedimento técnico e expressivo? Quais as ideologias/pedagogias que fundamentam a sua utilização em sala de aula? Tendo em conta que existe uma preocupação social pela reciclagem matizada por sua vez pelo pensamento ecológico (embora nem sempre, obviamente, as obras feitas a partir de reciclagem sejam verdadeiramente ecológicas), em que medida atividades realizadas com base nestes princípios podem contribuir, quer para o desenvolvimento desse pensamento, quer para o desenvolvimento de outras competências

essenciais à prática e criação da obra artística, artesanato de autor, *styling* ou design? Que atividades se podem encontrar hoje planificadas em torno desses objetivos/ideologia? Após a reunião deste conhecimento (história da arte e do design) e inventariação de atividades, que atividades se podem propor no sentido de obter os melhores resultados em disciplinas como Educação Visual (EV) e Oficina de Artes (optativa do 12º ano)? (Capítulo II)

A segunda parte foca o que foi a experiência, enquanto professora estagiária, ao longo do ano letivo 2012/2013 na PES, desenvolvida na Escola Secundária c/3º ciclo do Fundão, em duas turmas, uma do 3º ciclo do Ensino Básico e outra do Ensino Secundário, também dividida em dois capítulos: o primeiro centra-se na abordagem feita ao contexto escolar, referindo a constituição do agrupamento e a Escola Secundária do Fundão, assim como os princípios e missão, caracterizando-se os membros do núcleo de estágio e as turmas onde ocorreu a PES, assim como analisa o enquadramento das disciplinas artísticas no Currículo Nacional do Ensino Básico e Ensino Secundário, referindo as novas “metas curriculares” para a disciplina de EV; o segundo capítulo refere todas as atividades desenvolvidas na PES, descrevendo as aulas assistidas, assim como as atividades complementares e extracurriculares, abordando as que faziam parte do Plano Anual de Atividades (PAA) e as que foram surgindo ocasionalmente.

Pretende-se assim, com ambas as componentes, responder ao perfil exigido nestes mestrados em ensino e, em concreto, ao perfil específico para o grupo de recrutamento [600], para o qual profissionaliza o MEAV, plasmado no Regulamento de Funcionamento do mesmo, no “CAPÍTULO II: Organização e Funcionamento do Curso”, art. 3º: *Objectivos do ciclo de estudos (De acordo com o Artigo 15º - Grau de Mestre -, do Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março)*, como se segue:

“(…) 2. A concessão do grau de mestre pressupõe a demonstração das seguintes competências fundamentais:

- a) Capacidades científicas e pedagógicas necessárias ao exercício da docência em Artes Visuais, articulando o processo de ensino e aprendizagem com as actuais exigências de qualificação do corpo docente decorrentes das transformações da sociedade, da educação e da evolução científica e tecnológica.
- b) Conhecimentos e capacidade de compreensão a um nível em que:
 - i) Sustentando-se nos adquiridos anteriormente, os desenvolva e aprofunde;
 - ii) Permitam e constituam a base de desenvolvimentos e ou aplicações originais, nomeadamente em contexto de investigação;
- c) Saber aplicar os seus conhecimentos e a sua capacidade de compreensão e de resolução de problemas em situações novas e não familiares, em contextos alargados e multidisciplinares, ainda que relacionados com a sua área de estudo.
- d) Capacidade para integrar conhecimentos, lidar com questões complexas, desenvolver soluções ou emitir juízos em situações de informação limitada ou incompleta, incluindo reflexões sobre as implicações e responsabilidades éticas e sociais que resultem dessas soluções e desses juízos ou os condicionem.
- e) Ser capaz de comunicar as suas conclusões, e os conhecimentos e raciocínios a elas subjacentes, quer a especialistas, quer a não especialistas, de uma forma clara e sem ambiguidades.
- f) Competências que lhes permitam uma aprendizagem ao longo da vida, de um modo fundamentalmente auto-orientado ou autónomo.” (pág. 2)

Parte 1: Reutilização como recurso em Artes Visuais

Introdução

Nos dias de hoje, assistimos ao nascer e ao morrer de muitos objetos. É a realidade de um mundo industrializado em que quase tudo é descartável e que, para sobreviver economicamente, vai criando novas necessidades à sociedade. O consumidor adquire novos produtos e muitas das vezes não sabe como se livrar dos objetos inutilizados “lixo”.

Aproveitar materiais/objetos inutilizados e aplicá-los em atividades/projetos nas disciplinas de arte, tem como objetivo sensibilizar e consciencializar os alunos quanto à importância da reutilização no ambiente em que estão envolvidos e estimular a experimentação plástica por meio de técnicas e recursos diversos, desenvolvidos em conjunto.

Para que a arte tenha algum significado para os alunos, a escola tem que encontrar a forma e os meios de oferecer um programa interessante. Aproximar a arte ao conhecimento consciente dos estudantes, é uma forma de alertar e incentivar os comportamentos positivos na preservação do ambiente e da sociedade.

Este trabalho de investigação tem como principais objetivos analisar o contributo e os fatores que levaram muitos artistas ao longo dos vários movimentos que marcaram o século XX e na contemporaneidade, a incluir materiais desperdiçados e de uso comum nas suas criações. Assim como, o contributo de atividades/projetos que aliam problemas atuais da sociedade com as aprendizagens nas disciplinas de artes visuais.

Capítulo I: Do “lixo” à obra de arte

Na nossa sociedade de consumo quase tudo é descartável e a quantidade de lixo aumenta de forma preocupante. Considera-se lixo *aquilo que se deita fora por não ter utilidade ou por ser velho*¹. Mas tudo o que deixa de ser útil, passa a ser matéria e pode ser transformada e reutilizada. O objetivo deste capítulo é analisar de que forma alguns artistas de século XX e contemporâneos, utilizaram objetos e resíduos do quotidiano nas criações artísticas.

I.1. Século XX - Introdução de novos materiais e técnicas

Alguns artistas das vanguardas do início do século XX utilizaram materiais reutilizados nas suas obras. Utilizaram novas técnicas aliadas à pintura, como forma de consciencialização de uma realidade aliada à arte. Os artistas rompem com as técnicas tradicionais e usam-se desta nova forma de arte, alertando para questões sociais, políticas e ambientais.

Com o cubismo já implantado, Pablo Picasso (1881-1973) e Georges Braque (1882-1963), iniciaram uma nova fase, o cubismo sintético, onde a obra apresenta uma síntese daquilo que está representado. Inspirados pelo ambiente que os rodeava, começaram a introduzir, por meio de colagem nos quadros, objetos reais tais como: recortes de jornal, papel e cartão, alfinetes, areia, palha, pedaços de madeira, corda. Com o surgimento da técnica do *papier collé*², as obras adquirem um formato original, conjugando objetos banais do quotidiano com algumas superfícies pintadas.



Figura 1 - Pablo Picasso, *Natureza morta em fundo de palhinha*, 1911-12, colagens³

¹ Significado retirado da página da internet do:

<http://www.infopedia.pt/pesquisa.jsp?qsFiltro=0&qsExpr=lixo>, consultado no dia 3/4/2013.

² Técnica inventada pelo cubista Georges Braque, que designa uma técnica de pintura com colagem de vários materiais que representam imagens.

³ Fonte: “Picasso”, (pág.41), B. Elkelinda, Zimmermam, Könemann: Mini Guia de Arte

Na obra *“Natureza morta em fundo de palhinha”*, Picasso sobrepõe objetos sobre um modelo empalhado de uma cadeira de verga, em que o elemento passa a fazer parte do conjunto pictórico e pode significar, no quadro, o mesmo que na realidade, estabelecendo assim a relação entre a realidade e a abstração da composição. Através da técnica da *assemblage*⁴, as obras deixaram de ser simples quadros planos, e passam a objetos plásticos, alargando o espaço pictórico com objetos tridimensionais.

Derivado destas colagens a pintura cubista começa a ser designada de pintura-objeto, que não visa a decoração ou a expressão, mas a realização, isto é, a construção da obra. Conseguiram assim, através da mistura de elementos do quotidiano, aproximar a arte do natural em que já não se reproduzia o real, mas era ele próprio parte integrante da obra.

“Contudo, o artista pode, com a colagem, modificar o significado de um elemento, transformar a matéria através de uma espécie de processo de alquimia, servindo-se, é certo, da capacidade humana de fazer associações, de partir da semelhança com uma coisa para recriar a própria coisa” (HOFSTÄTTER,1980,p.79)

Assim, pelas mãos destes artistas, a colagem e a técnica da *assemblage*, entram definitivamente no mundo das artes plásticas, criando um conceito inteiramente novo na obra de arte.

I.1.1. A arte de crítica social

Num clima de instabilidade, proporcionado pelo sofrimento e caos espiritual criado pela guerra, surge uma crítica geral à geração dos que enriqueceram com a guerra. A arte de crítica social é tomada como ineficiente por parte de um grupo de artistas que dão início ao *dadaísmo* ou movimento *“Dada”*⁵. A começar pela arte, todos os valores são contestados, mas os impulsionadores deste movimento continuam a acreditar que a sociedade tem necessidade da arte - *“Ainda que a arte também não possa modificar a sociedade, tem um papel importante na formação da opinião desta sociedade e deve lutar pela liberdade do homem e do pensamento, sempre que se encontrar perdida e desorientada”*. (HOFSTÄTTER, 1980, p.175)

Os artistas deste movimento pretenderam negar os conceitos de arte e de objeto, assim como as técnicas artísticas transmitidas pela tradição. Aplicaram técnicas inspiradas noutros movimentos e inventaram outras, muitas vezes provocatórias, corrompendo princípios estabelecidos nas composições plásticas permitindo que o acaso fizesse parte do espaço pictórico, como no caso da pintura.

⁴ Nome atribuído ao trabalho artístico produzido a partir da incorporação de objetos do dia-a-dia na composição da obra de arte.

⁵ Movimento artístico que surgiu na cidade de Zurique na Suíça em 1916.

A colagem passa a ser uma das formas de expressão dos dadaístas. Misturam colagens com objetos encontrados - *objets trouvés*⁶.

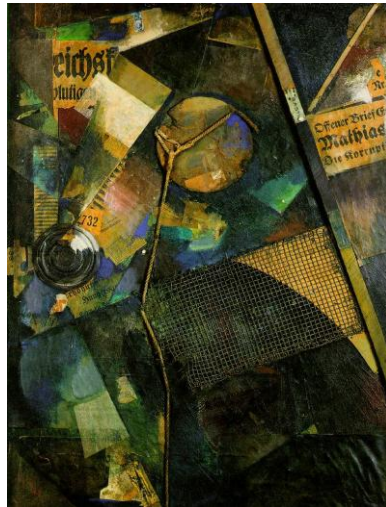


Figura 2 - Kurt Schwitters, *Merzbild 25 A*, Imagem das Estrelas 1920, *assemblage*⁷

Tudo o que é encontrado ao acaso podia fazer parte da obra de Kurt Schwitters (1887-1948) o artista mais importante do movimento “*dada*”, que a partir de coisas sem qualquer valor constrói as suas obras, às quais ele denomina de “*Merz*”. Todos os objetos sem utilidade, são reutilizados atribuindo-lhes um novo significado, chamando a atenção para aquilo que um dia teve importância para a sociedade, renegando a época da total desvalorização material.

Esta ideia foi materializada na escultura, por Marcel Duchamp (1887-1968), que introduziu a ideia de *ready-mades*⁸. Este artista francês, recolheu materiais de uso comum com finalidade prática e não artística e elevou-os a categorias de obra de arte.



Figura 3 - Marcel Duchamp, *Fonte*, 1917, urinol de porcelana⁹

⁶ Objeto natural (pedaço de madeira, pedra,...) encontrado casualmente ao qual é atribuído um valor estético.

⁷Fonte: <http://www.wikipaintings.org/en/kurt-schwitters/merz-picture-25a-the-star-picture-1920>, acedido em 20/4/2013

⁸ Objetos já feitos, retirados da sua função utilitária habitual, assinados e tomados por obras de arte.

⁹ Fonte: <http://www.wikipaintings.org/en/marcel-duchamp/fountain-1917>, acedido em 20/4/2013

“Quando Duchamp, em 1916, expõe, assinando-o com um nome qualquer, um urinol, não tenciona certamente apresentá-lo como um valor estético, mas como uma obra de arte, ainda que dessacralizada: com efeito, limitou-se a tomar um objeto qualquer, a isolá-lo do seu contexto habitual e subtrai-lo à sua função prática”. (ARGAN, 1988, p.32)

Os objetos recolhidos passam a ser a obra de arte em que o valorizado é o conceito que lhe atribuem e não o referente.

A procura de novos meios e métodos como formas de expressão, marcam o trabalho de Max Ernst, artista notável do surrealismo. Influenciado pela recusa dos materiais e técnicas tradicionais, deliberação dos dadaístas, nas suas criações procura organizar e dar forma a uma realidade interior, invertendo o sistema figurativo tradicional.



Figura 4 - Max Ernst, *Dois crianças ameaçadas por um rouxinol*, 1924, *assemblage*¹⁰

“É como se Max Ernst precisasse constantemente de um ponto de cristalização para a sua arte, de um motivo exterior, não sob a forma de um acontecimento, mas como objeto de meditação que, ao ser contemplado, desencadeia reacções que o transformam e recriam”. (HOFSTÄTER, 1980, p.190)

As suas obras não tinham que partir de materiais sem valor, mas da montagem de objetos, método utilizado pelos dadaístas. As colagens eram organizadas de forma humorística ou didática, conteúdos que considerava importantes nas suas composições.

I.1.2. Novas formas de arte

Com as transformações ocorridas no mundo após a Segunda Guerra Mundial, surgem infindáveis mudanças, a nível económico, social, cultural e tecnológico, progredindo no

¹⁰ Fonte: <http://www.wikipaintings.org/en/max-ernst/two-children-are-threatened-by-a-nightingale-1924>, acessado 20/4/2013

sentido da globalização. Estas alterações obrigaram a refletir sobre o papel da arte na sociedade atual.

A partir dos anos 40, foi-se reintroduzindo o fator artesanal na arte, onde a matéria e a técnica passam a assumir um papel determinante, surgindo uma nova tendência artística o *informalismo*¹¹.

“Como a técnica e o material se tornam parte essencial da concepção pictórica, os artistas têm de manifestar a sua individualidade no tratamento específico de um lado material e recorrem à experimentação de materiais e técnicas com o objetivo de obter da matéria novas formas pictóricas e destas um novo sentido pictórico”. (HOFSTÄTER, 1980, p.214)

A experimentação passou a ser uma componente essencial da criação artística. Os artistas centram-se no ato criativo e no processo de execução manifestando grande liberdade individual. Das tendências informalistas destaca-se a *Arte Bruta*¹² e a *Pintura Matérica*¹³, em que as composições são realizadas com uso de diversos materiais, vidro, aparas metálicas, cartão, areia, gesso, serapilheira, entre outros.



Figura 5 - Jean Dubuffet, Apartment Houses, Paris, 1946, óleo, areia e carvão sobre tela¹⁴

Jean Dubuffet (1901-1985), com uma posição fortemente anti-cultural escreve (cultura asfixiante), tornou-se o artista mais representativo da *Arte Bruta*. Interessado em novas formas de arte (arte infantil e arte psico-patológica) apresenta trabalhos fora do sistema tradicional da arte, em que as obras são produzidas por criadores livres, englobando produções realizadas por adultos que não tiveram qualquer formação académica em Artes e ainda, por doentes mentais que hoje em dia fazem parte da coleção d'Art Brut, em Lausanne (Suíça).

¹¹ Termo cunhado por Michel Tapié, para definir um novo estilo de pintura que recusa técnicas e modelos anteriores.

¹² Expressão concebida por Jean Dubuffet e André Breton em 1945, que designa a arte produzida por criadores, livres de qualquer influência de estilos oficiais.

¹³ Tendência pictórica dentro o informalismo Europeu após a Segunda Guerra Mundial.

¹⁴ Fonte: <http://www.wikipaintings.org/en/jean-dubuffet/apartment-houses-paris-1946>, acessado em 12/5/2013

Para o artista esta forma de arte era, a mais autêntica e verdadeira, a forma pura e inicial da arte. Jean Dubuffet definia assim a ideia de Arte Bruta:

" We intend with these works executed by those unscathed by artistic culture, in which, the mimesis has little role in the way that the artist draws everything (subject, choice of material, the creative process, ways of expressing an idea, rhythms, etc) from their own depths and, unlike intellectuals, not from the conventions of classical or fashionable art. Here, we participate in an artistic process which is completely pure, raw, entirely reinvented in all of its phases by the artist, from his impulses alone. Therefore, of an art which manifests itself through the function of invention only, and not those, constant in cultural art, of cameleon and monkey ".¹⁵

Destacam-se da coleção alguns artistas que começaram de forma inesperada as suas criações a partir de objetos desperdiçados e incomuns.

Conhecido pelo seu espírito desafiador e rebelde, Pascal-Désir Maisonneuve (1863-1934), natural de Bordeaux, adorava manifestar os seus sentimentos anarquistas e anti-cleriais pelos meios menos esperados. Apaixonado por obras de arte de períodos incomuns, aos 64 anos, e durante 1 ano, por meio de conchas montadas com gesso, cria as esfinges dos soberanos e dos homens políticos mais importantes.



Figura 6 - Pascal-Désir Maisonneuve, *L'éternelle infidèle*, 1927-1928, escultura conchas, 42cm altura¹⁶

Apaixonado por comboios e linhas férreas, Augusto Forestier (1887-1958), aos 27 anos provocou o descarrilhamento de um comboio devido à acumulação de pedras nos carris. Incidente que fez com que fosse internado num hospital psiquiátrico onde permaneceu até à sua morte. Nesse mesmo hospital, montou uma pequena oficina, onde esculpia, com uma faca de sapateiro, bonecos de madeira para os filhos dos funcionários. Mais tarde, a partir de resíduos que encontrava começou a esculpir figuras mais complexas, onde combinava madeira com outros materiais como: pregos, tampas, moedas, pedaços de tecido, cordas, dentes de porco e cavalo.

¹⁵ Citação retirada da página da internet do: http://www.dubuffetfondation.com/bio_set_ang.htm, consultado no dia 13/4/2013

¹⁶ Fonte: <http://www.artbrut.ch/fr/21004/1015/auteurs/maisonneuve--pascal-desir>, "© crédito da foto coleção de l'Art Brut, Lausanne", acedido em 9/6/2013



Figura 7 - Augusto Forestier, *sem título*, 1935-1949, escultura de madeira e vários materiais, 25 X 25 X 20cm¹⁷

Armand Schultess (1901-1972), natural de Neuchâtel, foi proprietário de uma empresa de roupas femininas e funcionário do Departamento Federal de Assuntos Económicos de Berna. Aos 50 anos, inesperadamente abandona a profissão e isola-se socialmente, numa propriedade de campo. Rodeado por uma grande dimensão de terras, ele começa as suas criações, colocando mensagens escritas e pintadas em placas feitas de metal ou fundos de latas presas nas árvores com arames e galhos de madeira. Gravados sobre geologia, astrologia, psicanálise literatura e música em cinco línguas. Após a sua morte, só algumas das suas obras foram mantidas, as restantes foram destruídas por ordem da família.



Figura 8 - Armand Schultess, *sem título*, sem data, arame, madeira e placas de metal pintadas, 48 X 57cm¹⁸

Angelo Meani (1906-1977), natural de Milão, aprendeu desde cedo a esculpir mármore na oficina da família. Dedicou-se ao restauro de esculturas, atividade que não lhe permitia grande liberdade de criação. Dedicou-se então, à recolha de pratos partidos e objetos do quotidiano e começa a criar máscaras. Em 1943, abandona os negócios da família e foge para

¹⁷ Fonte: <http://www.artbrut.ch/fr/21004/1008/auteurs/forestier--auguste>, “© crédito da foto coleção de l'Art Brut, Lausanne”, acedido em 9/6/2013

¹⁸ Fonte: <http://www.artbrut.ch/fr/21004/1052/auteurs/meani--angelo> “© crédito da foto coleção de l'Art Brut, Lausanne”, acedido em 9/6/2013

a Suíça onde se torna marginal, recorrendo novamente à atividade criativa, a construção de máscaras coloridas.



Figura 9 - Angelo Meani, *sem título*, sem data, escultura vários materiais, 60cm de altura¹⁹

André Robillard (1932), passou parte da sua infância internado em hospitais psiquiátricos. Mantendo um comportamento agressivo e violento, aos 19 anos é internado novamente. No hospital acumula várias tarefas e torna-se responsável pela estação de tratamento de esgotos. Durante esse período de tempo ganha algumas referências e começa a criar armas e naves espaciais, a partir de objetos encontrados, lâmpadas, canos, fios, papelão, restos de tecido e couro. Não se considerava artista mas um artífice. Em 1889 foi viver para um apartamento onde continuou a sua produção.

Numa visita ao Museu de Lausanne, toma inspiração no trabalho de Augusto Forestier e começa uma nova série de trabalhos, a esculpir cavalos de madeira e animais exóticos.



Figura 10 - André Robillard, *sem título*, 1964, escultura de madeira e vários materiais, 114cm comp.²⁰

Judith Scott (1943-2005), nasceu nos Estados Unidos, com síndrome de Down. Desde muito cedo que foi colocada numa instituição, sendo separada da sua família e de uma irmã gémea. Aos 43 anos, abandona a instituição a pedido da irmã gémea, a quem é cedida a sua tutela.

¹⁹ Fonte: <http://www.artbrut.ch/fr/21004/1025/auteurs/robillard--andre> “© crédito da foto coleção de l'Art Brut, Lausanne”, acedido em 9/6/2013

²⁰ Fonte: <http://www.artbrut.ch/fr/21004/1027/auteurs/scott--judith>, “© crédito da foto coleção de l'Art Brut, Lausanne”, acedido em 9/6/2013

Um ano após, entra no Creative Growth Art Center, na Califórnia e inicia as suas criações. Através de vários tipos de objetos juntos uns aos outros com corda, como guarda-chuvas e revistas, envolve-os com cabos e fibras diversas de forma esconde-los completamente formando um casulo que os protege. Judith Scott era surda-muda, e através das suas criações, inventou a sua própria técnica, o seu único meio de expressão.



Figura 11 - Judith Scott, *sem título*, 1998, escultura fio de lã e outros materiais, 94 x 73,7 x 83,8 cm²¹

Na pintura matérica os artistas atuam como que destruindo o trabalho através de rasgos que permanecem visíveis e destacados nas composições. Através de vários processos, a pintura texturada é misturada com os materiais não pictóricos, culminando em composições onde os materiais apresentam um aspeto em transformação.

Alberto Burri (1915-1995), um dos representantes da pintura matérica, abdicou de formas e métodos tradicionais de composição e introduziu materiais ligados ao quotidiano. Considerava os valores táteis (textura e brilho) dos materiais, mais fortes que as qualidades pictóricas, o que o levou a manifestar interesse pela alteração da aparência dos materiais, como é o caso da obra *Rosso Plástica L.A.*, construída com um plástico vermelho derretido sobre uma lona preta.



Figura 12 - Alberto Burri, *Rosso plástica L.A.*, 1966, plástico e acrílico em combustão²²

²¹ Fonte: <http://www.artbrut.ch/fr/21004/1027/auteurs/scott--judith>, “© crédito da foto coleção de l'Art Brut, Lausanne”, acedido em 9/6/2013

²² Fonte: <http://www.artnet.com/artwork/425406134/761/alberto-burri-rosso-plastica-la.html>, acedido em 9/5/2013

Também Antoni Tapies (1923-2012), despõe da presença de elementos figurativos em relação à materialidade da tela. As suas composições texturadas são acentuadas pelo paleta de cores limitada e pelo uso de materiais descartados, que ao serem decompostos passam a fazer parte da obra, servindo de crítica e denúncia à materialidade humana.



Figura 13 - Antoni Tapies, *Composicion com ropa y cuerda*, 1975, técnica mista e assemblage s/cartão, 178 x 170 cm²³

Experimentando vários estilos e materiais, Louise Nevelson (1899-1988) produziu as suas esculturas através de lixo e restos de madeira que encontrava nas ruas. As suas obras monocromáticas, surgiam da combinação de peças de madeira, demonstrando grande liberdade expressiva. A obra *Sky Chatedral* é das mais significativas e apresenta um conjunto de caixas empilhadas todas organizadas com fragmentos de madeira em camadas, na sua maioria encontrados. Os objetos sobrepostos, em camadas, são unificados através de uma cor, o preto, permitindo que através de iluminação se destaque o espaço positivo e negativo, ocultando as identidades originais dos objetos utilizados.



Figura 14 - Louise Nevelson, *Sky Chatedral*, 1958, assemblage madeira pintada, 343.9 x 305.4 x 45.7 cm²⁴

²³ Fonte: <http://www.cordeirosgaleria.com/artistas/at/at.html>, acedido em 9/5/2013

²⁴ Fonte: www.moma.org/collection/object.php?object_id=81006, acedido em 22/5/2013

Estabelecendo uma relação entre a vida e a obra de arte, Robert Rauschenberg (1925-2008), dá início às *combine paintings*²⁵. Na sua obra *Odalisk*, é visível a combinação de materiais, entre eles resíduos provenientes da sociedade e um galo contraposto a figuras do sexo feminino, simbolizando a desigualdade de géneros vivida na sociedade no início dos anos 50. Através da mistura de materiais, sem utilidade, que recolhia e reorganizava, com pintura e escultura, fazia referência a fatos históricos ou quotidianos.



Figura 15 - Robert Rauschenberg, *Odalisk*, 1955-58, 210.8 x 64.1 x 68.8 cm²⁶

1.1.3. Arte como veículo de comunicação

A *Arte Conceptual*, a partir dos anos 60, obrigou a uma profunda revisão nos processos criativos e expressivos inerentes à arte. O principal era a ideia, ou seja, a conceção era mais importante que a própria obra acabada. Já anteriormente, com os ready-mades de Duchamp, o conceito, na arte, tinha sido sobrevalorizado. Esta forma de arte serviu de veículo de comunicação e formação do pensamento, e muitos artistas expressaram o direito a uma criatividade individual, enveredando por outros tipos de arte. Exemplo é a *arte povera*²⁷ (Arte Pobre) que se revelou de forma crítica, contestando aspetos sociais e a cultura que predominavam no momento, recorrendo a elementos orgânicos e a detritos do quotidiano.

Nas obras, as propriedades físicas dos materiais, eram importantes, demonstravam as transformações dos materiais com o passar do tempo. Pode-se considerar esta forma de arte como uma crítica ao empobrecimento de uma sociedade voltada para o consumismo.

²⁵ Termo inventado por Robert Rauschenberg para se referir às suas obras de assemblage.

²⁶ Fonte: http://arthistory.about.com/od/from_exhibitions/ig/rauschenberg_combines/rrc_08.htm, acedido em 6/4/2013

²⁷ Movimento artístico Italiano que se desenvolveu na segunda metade da década de 60.



Figura 16 - Michelangelo Pistoletto, *Venus of the rags*, 1967, *escultura-instalação*²⁸

Com a obra *Venus of the Rags*, Michelangelo Pistoletto (1933) figura central da Arte Povera, confronta a estatuária clássica (passado cultural Italiano) com um material comum a toda a sociedade (cultura presente), colocando a estátua de Vénus virada para um monte de trapos que teriam servido para limpar outras das suas obras. Ao longo deste movimento experimentou uma grande variedade de materiais simples e naturais, manipulados por processos artesanais. As suas obras suscitam reflexões, tentando aproximar a arte da vida quotidiana.

Os materiais simples e naturais foram muito apreciados pelos artistas deste movimento, que os evidenciavam pela sua vulgaridade, muitas vezes contrastando-os com outros materiais ou objetos. Nas obras de Mário Merz (1925-2003), artista que integrava o movimento Arte Povera são visíveis materiais naturais e materiais industriais, como por exemplo, o néon. As suas obras apresentam sempre um aspeto tosco ou em construção.

Estes artistas comprovaram que podiam criar imagens coerentes, usando substâncias e objetos, retirando-lhes a função convencional. Michelangelo Pistoletto, referia-se assim aos materiais usados nas suas obras *objetus minus*²⁹:

*“The materials are chosen separately each time according to this or that particular perceptual need - for me all materials are suitable, and the idea of modern or less modern does not exist: an object which is extremely complicated from the point of view of materials and ideas can have a primary sense exactly as a very simple object which fulfils an elementary need, as it must be considered as an isolated self-contained unit. One element - such as the mirror in many of my recent works - can be kept constant in a number of objects, provided it is always linked to a diversity of situations, thus taking on a new meaning with each new combination. Other objects may even be determined by a purely practical consumer need...”*³⁰

²⁸ Fonte: <http://www.pistoletto.it/eng/gallerie/artepovera00.htm>, acedido em 14/4/2012

²⁹ Nome que designava as obras de Michelangelo Pistoletto.

³⁰ Citação retirada da página da internet do: http://www.pistoletto.it/eng/testi/minus_objects.pdf, consultado em 14/4/2013



Figura 17 - Mário Merz, *Igloo Nero*, 1967-1979, instalação³¹

Reafirmando os ideais humanistas frente à expansão industrial e à sociedade de consumo, surge o movimento *Nouveaux Realisme*³². Os artistas que integraram este movimento preocuparam-se em abordar a realidade, criando novos significados, recorrendo a materiais do quotidiano urbano.

Deste movimento destaca-se Arman Fernandez (1928-2005), artista francês, com as suas assemblages em que explorava as possibilidades artísticas dos objetos desperdiçados do quotidiano. As suas obras, mais significativas, são caracterizadas pela acumulação de objetos como carros, embalagens, ferramentas, relógios, instrumentos que empilhados dão origem à obra de arte. A acumulação era feita através da destruição e recomposição dos objetos por técnicas de ligação ou empilhados em caixas de acrílico. Na obra *Robert Rauchenberg's Refuse*, mostra o estúdio do artista através do acúmulo de lixo, deixando uma mensagem em aberto, ao serem analisados os objetos pertences do artista.



Figura 18 - Arman Fernandez, *Robert Rauchenberg's Refuse*, 1970, lixo em caixa acrílica³³

³¹ Fonte: <http://pinterest.com/pin/487585097126821498/>, acessado em 14/4/2013

³² Movimento artístico fundado em 1960 em França.

³³ Fonte: http://www.arman.com/work-arman-robert_rauchenberg_s_refuse-252-2-1970-es.html, acessado em 22/5/2013

“*New Realism equals new, sensitive, perceptive approaches to the real,*” asserted the document, and Arman set out on a new course, in which he would re-examine the artistic possibilities of everyday objects, elevating the banal to the aesthetic, and refuse into art.³⁴

A artista francesa, Niki de Saint Phalle (1930-2002), tornou-se parte do grupo de artistas do movimento Nouveau Realism, com obras em que combinava materiais incomuns com cores puras. Destacando-se ainda pelo uso da técnica do *papel machê*³⁵, recorre a fragmentos de materiais como ferro-velho, tela de arame, plásticos, entre outros, para criar as suas personagens. Com a sua obra *Nanas*, cria personagens que representam o universo feminino (noivas e mães que dão à luz), evidenciando a posição da mulher na sociedade.



Figura 19 - Niki de Saint Phalle, *Vénus*, 1964, lã e outros objetos sobre malha³⁶

I.1.4. O pensamento ecológico

Com o crescimento mundial, nas décadas de 60 e 70, levantaram-se questões ligadas à qualidade do ambiente e equilíbrio ecológico, resultando na quebra da popularidade dos plásticos, símbolo do design moderno. Todos os fatores eram questionados, inclusive os materiais antibiodegradáveis. Surge, então, por parte de alguns artistas, nos anos 90, interesse em criar produtos resultantes da reutilização de materiais e objetos pré-concebidos. A ecologia passa a ser uma das principais linhas do design internacional.

Artistas como é o caso do Arq. Frank O. Gehry, criou peças com materiais comuns do quotidiano. Na cadeira *wiggle side chair*, mostrou uma nova visão e preocupação ambiental, com um material tão usual como o cartão.

³⁴ Citação retirada da página da internet do: <http://www.arman.com/arman-biography-1-eng.html>

³⁵ Técnica de moldar figuras com tiras de papel molhadas em cola.

³⁶ Fonte: http://www.bribes-en-ligne.fr/rubrique.php3?id_rubrique=175#, acessado em 4/6/2013



Figura 20 - Frank O. Gehry, Cadeira Wiggle Side Chair, 1972, cartão³⁷

Adrien Gardère (1972), designer, em 1996 com o projeto *Neotu*, criou a estante e a mesa de madeira com compartimentos em alumínio, reaproveitando de outros objetos as pias de alumínio. Projetou um objeto para sobreviver sem ciclo de vida, podendo sempre ser reutilizado.



Figura 21 - Adrien Gardère, *Estante e Mesa*, 1997, madeira e inox³⁸

Aproveitando as propriedades de materiais considerados pobres, Eva Menz, designer alemã, produz peças, expressando a beleza dos pequenos detalhes de materiais que por vezes menosprezamos. O candeeiro *Money can't buy me love*, com uma disposição agradável dos materiais, foi produzido com 150 garrafas de plástico, cordel e objetos encontrados, resultando num objeto verdadeiramente sofisticado.

³⁷ Fonte: <http://www.archiproducts.com/pt/produtos/26793/easy-edge-cadeira-de-papelao-wiggle-side-chair-vitra.html>, acedido em 27/5/2013

³⁸ Fonte: <http://www.studiogardere.com/images/index/75>, acedido em 27/5/2013



Figura 22 - Eva Menz, *Money Can't Buy Me Love*, sem data, candeeiro de plástico reciclado, cristal e objetos encontrados, diâmetro 500 e altura 100cm³⁹

Material memories, é o nome que Rob Thompson, arquiteto e designer dá ao seu projeto de reutilização de materiais desperdiçados. As suas obras, caracterizadas pela combinação de vários materiais e plástico, são peças únicas que se vão alterando com o uso e desgaste. Este designer pretende alterar o comportamento dos consumidores, criando uma ligação afetiva entre o objeto e o seu proprietário, por este se encontrar em constante renovação, mostrando os materiais que estão ocultos através do seu desgaste. Aumenta o tempo de vida útil do objeto, produzido com um material difícil de reciclar após processos de fabricação.



Figura 23 - Rob Thompson, *Rob Thompson*, 2005, plástico e materiais desperdiçados, pormenor⁴⁰

Outros designers interessam-se por materiais biodegradáveis, criando produtos totalmente recicláveis, submetendo materiais nas suas produções que possuem um ciclo de vida curto e que facilmente se encontram no lixo. Através da pasta de papel podem-se criar inúmeros produtos. *Silla Mould* é o nome de um projeto desenhado por Kazutoshi Amano e Shinichi Sasaki de produtos fabricados com pasta de papel de caixas de cartão reciclado. Estes objetos

³⁹ Fonte: “*Diseño Eco-Experimental - Arquitectura, Moda, Producto*”, BROWER, Carla. MALLORY, Rachel. OHLMAN, Zachary, (2007), Editorial Gustavo Gili, Sl.

⁴⁰ Fonte: <http://www.studiorob.co.uk/projects/>, acedido em 27/5/2013

fabricados à mão e endurecidos em moldes específicos, em fim de vida podem ser novamente reciclados ou simplesmente bio degradarem-se na terra.



Figura 24 - Kazutoshi Amano & Shinichi Sasaki, *Silla Mould*, 2002, pasta de papel⁴¹

Também o designer americano Victor Vetterlein, criou o projeto *Trash me*, candeeiros feitos com pasta de papel de produtos reciclados. Cada objeto é feito de quatro caixas de ovos amolecidas em água e posteriormente moldadas em formas até ao seu endurecimento. Com o uso e desgaste, este objeto pode ser desmontado e reciclado novamente.

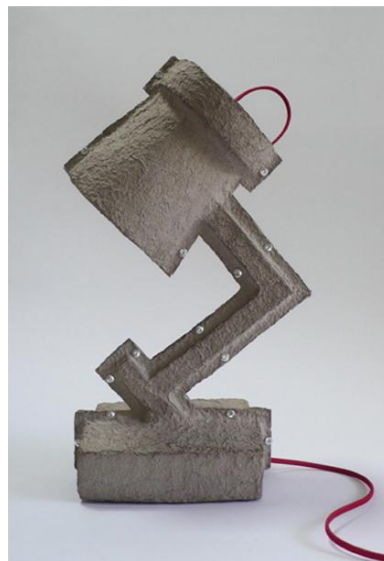


Figura 25 - Victor Vetterlein, *Trash me*, sem data, pasta de papel⁴²

⁴¹ Fonte: “*Diseño Eco-Experimental - Arquitectura, Moda, Producto*”, BROWER, Carla. MALLORY, Rachel. OHLMAN, Zachary, (2007), Editorial Gustavo Gili, Sl.

⁴² Fonte: <http://www.designatento.com/design-sustentavel/eco-design/projeto-trash-me.html>, acedido em 27/5/2013

I.2. O “lixo” em criações contemporâneas

A Arte Moderna e, sobretudo, a Contemporânea são pródigas em exemplos de reciclagem, ou melhor, de reutilização, não fosse a Arte uma constante recriação. O que nos ensina é que o contexto e o significado são o que confere a qualidade artística aos objetos e não o seu material ou a qualidade técnica.

Alguns artistas recorrem ao uso de materiais reutilizáveis nas suas criações, para exprimir mensagem social e política da realidade em que vivemos e como consciencialização da importância da preservação do meio ambiente.

É de referir um artista contemporâneo, conhecido mundialmente pelo uso de materiais peculiares nas suas obras. Vik Muniz (1961) artista brasileiro, que cria obras com materiais que normalmente não são associados à criação artística, mas a percepções emocionais e sensoriais, demonstra que grandes projetos podem surgir de elementos de uso quotidiano.



Figura 26 - Vik Muniz, Marat/Sebastião, 2010, lixo⁴³

Através dos materiais descartados ou invulgares, como: açúcar, chocolate, alfinetes, serradura, arame, algodão, pigmentos de cor, lixo, entre outros, cria obras, através das quais, exprime uma mensagem social e política sobre a sociedade atual. A técnica usada por Vik Muniz traduz-se na utilização do lixo ou materiais incomuns na formação das imagens baseadas em obras reconhecidas da história da pintura, que posteriormente são reproduzidas em fotografia e ampliadas.

⁴³ Fonte: <http://vikmuniz.net/pt/gallery>, acedido em 4/6/2013

João Parrinha, Luís Dios e Xandi Kreuzeder, são três artistas que têm em comum o gosto pelo surf. Com o intuito da preservação do ambiente e alertando para importância de manter os oceanos limpos estes três artistas formaram o projeto “*Skeleton Sea*”.

Este projeto caracteriza-se pela recolha de objetos encontrados nas praias, a que eles chamam de “*tesouros do mar*” como: vidro, boias, cordas, ossos de peixes, pedaços de madeira, peças de metal e porcelana e todo o tipo de lixo deixado nas praias que depois de selecionado e recuperado é usado em esculturas e instalações na costa.



Figura 27 - Luis de Dios, Xandi Kreuzeder, João Parrinha, Tuna, 2007, latas⁴⁴

Com mistura dos objetos são reproduzidas esculturas das espécies em vias de extinção ou alvo da poluição dos mares. A obra *Tuna*, representa um atum alertando desta forma para a ameaça de extinção da espécie devido ao excesso de pesca e à poluição dos mares. A obra é apresentada como:

“Tuna memories...

Can one keep the memory of an entire species inside a can? How many meals does it take before extinction? We will be left with empty cans to remind us of a tragedy. Our uncontrolled consumerism will only leave rusty coffins”⁴⁵.

As esculturas e instalações são expostas, nas praias, onde são recolhidos os objetos, contribuindo para a conscientização ambiental, sensibilizando o público para o impacto da poluição do meio ambiente, principalmente a poluição dos mares.

Joshua Allen Harris, artista Americano, faz esculturas insufláveis de materiais descartados pela sociedade. Recorrendo a sacos de lixo pretos e de compras que recolhe das ruas surgem,

⁴⁴ Fonte: <http://www.skeletonsea.com/2011/02/tuna/>, acedido em 14/4/2013

⁴⁵ Citação retirada página da Internet do: <http://www.skeletonsea.com/2011/02/tuna/>, consultado em 20/04/2013

animais e figuras míticas que ganham vida e interagem com as pessoas a partir das grelhas de ventilação do metro na cidade de Nova Iorque.



Figura 28 - Joshua Allen Harris, *Fight global warming*, sacos de plastic⁴⁶

Com fita adesiva, amarra as esculturas às grelhas de ventilação e com a deslocação do ar provocada pela passagem das carruagens, faz insuflar as personagens e animá-las. A obra “*Fight global warming*” surge como um alerta para as consequências do aquecimento global. Mostra um urso polar como símbolo das alterações climáticas que à medida que infla interage com as pessoas, alegre e cheio de vida e de repente, vê-se desaparecer transformando-se num pedaço de lixo sem valor.

Michel de Broin, durante mais de dez anos, foi aperfeiçoando a arte transdisciplinar a que chama de sistemas e a sua articulação, adotando uma atitude crítica e lúdica para objetos comuns e ideias atuais. As suas obras chamam a atenção para as preocupações ambientais, reutilizando objetos fora do seu contexto original.



Figura 29 - Michel de Broin, *Dead Star*, 2008, pilhas⁴⁷

⁴⁶ Fonte: <http://www.woostercollective.com/post/wooster-follow-up-joshua-allen-harris-inflatable-sculptures>, acedido em 14/4/2013

⁴⁷ Fonte: <http://micheldebroyin.org/dead-star>, acedido em 14/4/2013

Concebeu a “*Dead Star*” a partir de pilhas sem energia. Uma peça composta por materiais que numa fase inicial tiveram a finalidade de servir de energia a outros aparelhos. Nesta peça essa finalidade foi extinta, as pilhas servem apenas de estrutura a um corpo morto.

Nick Gentry, artista britânico, influenciado pelo aumento do consumismo e a cibercultura da sociedade reutiliza materiais tecnológicos na criação das suas obras. Sente-se parte de uma geração que cresceu rodeada de disquetes, cassetes VHS e polaroids, o que inspira os seus quadros de disquetes velhas com tinta.



Figura 30 - Nick Gentry, *Blink*, 2011, pintura mista e disquetes⁴⁸

Nas suas obras, de retrato, a identidade não está no rosto representado através da pintura, mas sim no suporte onde estão retidas as memórias que criam a identidade.

Robert Bradford, artista que reutiliza brinquedos aplicados em esculturas de madeira criando divertidas esculturas de animais. Faz trabalhos em duas e três dimensões, entre pinturas e esculturas, utilizando desde de plástico a madeira e cartão como base de trabalho. Usa os brinquedos por serem objetos que ao longo da vida vão sendo rejeitados e esquecidos.



Figura 31 - Robert Bradford, *Avestruz* (detalhe), aço, madeira e brinquedos, 70 X165cm⁴⁹

Com as formas naturais (animais e humanos) das esculturas, pode estar a dar uma segunda vida a estes objetos, símbolos da infância que marcam um período importante na vida do ser humano, que muitas vezes é esquecido.

⁴⁸ Fonte: <http://www.nickgentry.com/artworks/0021.html>, acedido em 14/4/2013

⁴⁹ Fonte: http://www.robertbradford.co.uk/home/238999_-new-ostrich-detail.html, acedido em 12/6/2013

Capítulo II: A reutilização no ensino das artes visuais

“A arte é um facto mental cuja realização física pode ser confiada a qualquer tipo de meio”
(MUNARI, 1968)

Atividades ou projetos que aliam problemas atuais da sociedade com as aprendizagens, são importantes nos vários níveis de ensino. A arte pode intervir na prática social, através das atividades desenvolvidas nas disciplinas de artes visuais com base em obras de artistas que tenham a preocupação com a realidade. O produto resultante deve ser valorizado e mostrado à comunidade com o objetivo de contribuir para uma aprendizagem que tenha como meta a mudança de atitude em relação à sociedade.

A utilização de novos materiais e técnicas diversificadas, envolve os alunos num mundo de descobertas, ensinando-os a explorar, a construir/criar novos meios de transmitir uma mensagem perceptível. Este capítulo vai abordar de que forma a reutilização de materiais pode servir de recurso nas disciplinas de Artes Visuais nos vários níveis de ensino. Sugerem-se propostas de atividades que podem ser desenvolvidas em contexto sala de aula, servindo de aprendizagem e consciencialização para os problemas atuais da sociedade.

II.1. Materiais

No “lixo”, muitos são os materiais que podem ser reciclados/reutilizados, uns que podem ser usados tal como são e outros que têm de ser modificados para ganharem uma nova função. Podemos assim fazer a distinção entre reciclagem e reutilização.

A reciclagem serve apenas para os materiais que podem voltar ao estado original e ser transformado novamente num produto igual em todas as suas características. Resultado de uma série de atividades, pela qual materiais que se tornariam lixo, ou estão no lixo, são desviados, coletados, separados e processados para serem usados como matéria-prima na manufatura de novos produtos.

A reutilização é transformar um determinado material já usado em outro, independentemente do facto de se lhe atribuir a mesma função ou não. Existem inúmeras formas de reutilizar, depende das necessidades de cada um.

Os materiais sem função passam a ser uma fonte de matéria-prima para criar e recriar. Os exemplos mais comuns dos materiais que fazem parte dos detritos do quotidiano, são o plástico, o metal, o papel e o vidro e todos os objetos que por alguma razão perderam a sua função.

Os plásticos, são muito usuais no quotidiano devido às suas características, são impermeáveis, flexíveis e duradouros. O plástico é responsável por grandes avanços e benefícios na sociedade moderna devido às suas características que permitem uma infinidade de aplicações. São exemplos dessas aplicações as garrafas e garrafões de bebidas, frascos de detergentes, sacos de plástico, embalagens e tampas plásticas.

Os metais são utilizados com frequência no dia-a-dia devido às suas principais propriedades a condutibilidade térmica e elétrica. Por serem ainda materiais de elevada durabilidade e resistência são muito utilizados em equipamentos, estruturas e embalagens, como as latas de bebidas e conserva, as caricas e tampas metálicas, os tabuleiros de alumínio, pregos e parafusos.

O papel é um material natural, pois provém, essencialmente, da transformação da madeira em pasta de celulose. É material de suporte nas atividades comerciais, industriais e educacionais. No dia-a-dia consumimos papel sobretudo em compras e bens de consumo como embalagens de cartão, sacos de papel e papel de embrulho, jornais, revistas e ainda em publicidade, catálogos e folhetos informativos.

O vidro, pode-se utilizar nos mais diversos contextos. Por ser tão usual no quotidiano, a sua aplicação muitas vezes passa despercebida. Pelo fato de ser duradouro e impermeável é geralmente usado em garrafas e garrafões de bebidas, frascos e boiões de comida e em lâmpadas e muitos utensílios de uso doméstico.

II.2. Técnicas

Na arte moderna várias técnicas foram surgindo ligadas à inserção de objetos nas obras de arte. Destaca-se a colagem, técnica de grande importância na evolução da arte do séc XX. Empregar em diversos movimentos artísticos é responsável por uma grande variedade de produções artísticas.

Esta técnica de representação plástica conseguida pela união e/ou sobreposição de distintos materiais, colados a um suporte, permite realizar novas composições recriar novos contextos e desenvolver trabalhos de grande expressividade plástica.

É uma técnica que fomenta a criatividade e pode ser utilizada em todos os níveis de ensino. Facilita o desenvolvimento da percepção, a imaginação construtiva e a manipulação de diversos materiais. Promove relações surpreendentes entre os seus elementos, propondo uma maior simplificação formal e cromática da composição.

Também a assemblage, técnica de colagem tridimensional é uma boa opção para as disciplinas de Artes Visuais na escola. Permite criar objetos artísticos, com base no princípio que todo e qualquer material, pode ser incorporado na obra de arte, explorando formas de elevada imaginação.

Através da análise dos diversos materiais, abre espaço para a experimentação e desenvolve o gosto por construir e inventar. A elaboração da obra e os problemas de construção são um desafio constante, obrigando os alunos a encontrar soluções estéticas para as dificuldades que lhe vão surgindo.

Estas técnicas, aliadas à reutilização de materiais, para além de serem um excelente recurso didático nas disciplinas de artes visuais, facultam o estudo de obras de arte contemporâneas. Os alunos podem exercitar a sua capacidade de expressão de maneira a explorar os mais diversos materiais, criando objetos bidimensionais e tridimensionais.

“A arte não é a técnica, como se sabe, e um artista pode criar arte com qualquer meio”. (MUNARI,1978,p.81)

II.3. Propostas de atividades

A prática, nas disciplinas de Artes Visuais, deve proporcionar aos alunos, o conhecimento das técnicas e métodos que são importantes na resolução e conceção dos projetos. Os alunos devem tomar consciência que não existem técnicas próprias, mas sim métodos essenciais para a inovação da criação artística.

O projeto, seja qual for o nível de ensino, tem de ser pensado, para que possa ser construído e ir de encontro aos problemas atuais da sociedade, respondendo a uma necessidade, a uma função, a uma emoção, a um significado. Implica um método, na resolução de problemas e aprendendo a projetar (metodologia projetual). Segundo Munari:

“Projetar é fácil quando se sabe o que fazer. Tudo se torna fácil quando se conhece o modo de proceder para alcançar a solução de algum problema, e os problemas que se nos deparam na vida são infinitos: problemas simples que parecem difíceis porque não se conhecem os problemas que se mostram impossíveis de resolver”. (MUNARI, 1981, p.12)

Os materiais descartados têm características que, ao serem analisadas podem responder aos problemas que, muitas das vezes são difíceis de ultrapassar quando os alunos os têm em mãos para poderem construir/criar. Podem ser interpretados a partir de outras perspetivas, imaginá-los em conjuntos, sendo um só objeto. Edward de Bono, no livro *“Imparare a pensare in 15 giorni”* diz que:

“se deve considerar as coisas não apenas naquilo que são, mas também no que poderiam ser. Em geral uma mesma coisa pode ser examinada sob muitos aspetos, e às vezes os pontos de vista menos óbvios vêm a revelar-se os mais úteis. Vale sempre a pena, quando se compreende uma coisa naquilo que ela é, aprofundar o seu exame para ver o que poderia ser”(MUNARI, 1981, p.322)

Estes objetos têm características formais, matéricas, cromáticas e táteis que permitem serem usados, tal como são ou alterados para poderem adquirir uma nova função.

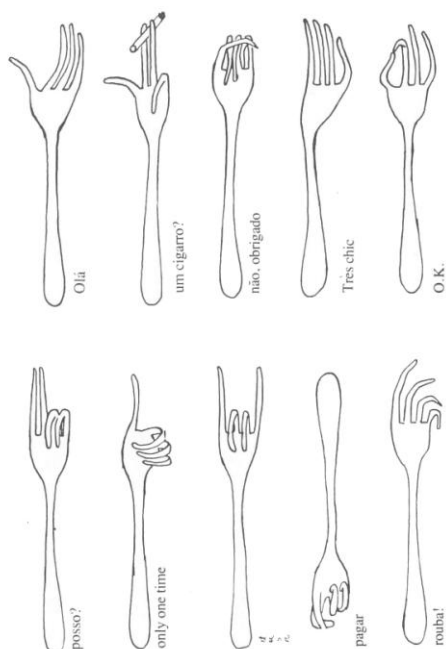
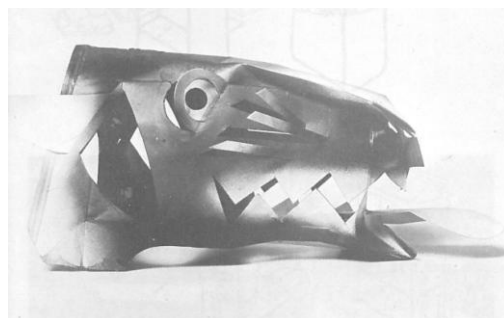
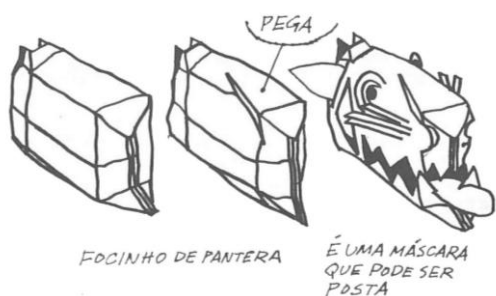


Figura 32 - Bruno Munari, *Garfos-mão*⁵⁰

Figura 33 - Joana Vasconcelos, *Coração Independente dourado*, 2004⁵¹

Tonino Milite, artista Italiano e colaborador de Bruno Munari demonstra várias soluções de reaproveitamento de uma embalagem de leite. Altera a forma e atribui-lhes funções diferentes, tendo em consideração as características formais do material.



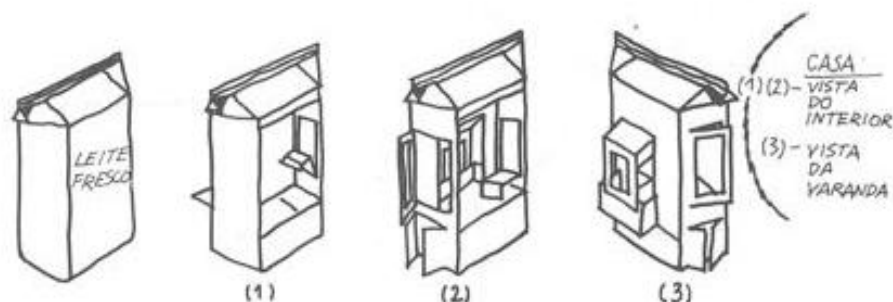
Tonino Milite, *Cabeça de Pantera*, esboço⁵²

⁵⁰ Fonte: “Das coisas nascem coisas” Munari, B.(1981), Edições70

⁵¹ Fonte: <http://www.joanavasconcelos.com/det.aspx?o=383&f=484>, acessado em 12/6/2013

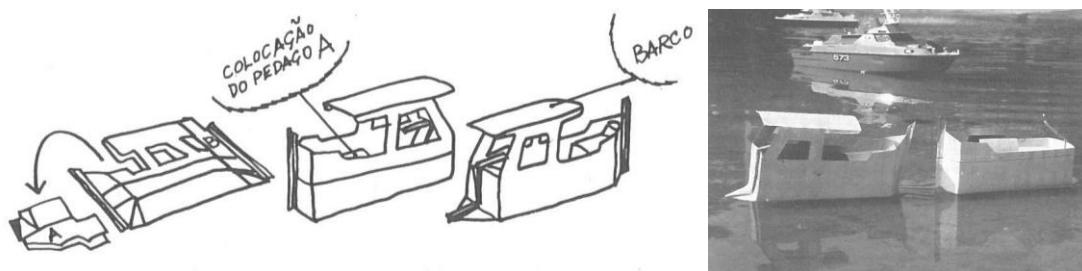
⁵² Fonte: “Das coisas nascem coisas” Munari, B.(1981), Edições70

Através de cortes e dobras a uma caixa paralelepípedica de leite, projetou a máscara da cabeça de pantera, finalizada com tinta preta.



Tonino Milite, *Casinha*, esboço⁵³

Outra solução que Tonino Milite apresenta para reaproveitamento da caixa paralelepípedica de leite, casinha com varanda, portas e janelas.



Tonino Milite, *Barco*, esboço⁵⁴

Barco feito através de uma caixa paralelepípedica de leite, aproveitando as propriedades do material, poderia flutuar na água devido à sua impermeabilidade.

II.3.1. Disciplina de Educação Visual

A Educação Visual faz parte do programa do 3º ciclo do ensino básico. A disciplina pressupõe o desenvolvimento de competências através da arte como expressão do sentimento e do conhecimento. A abordagem aos conteúdos deve ser adaptada à realidade local, desenvolvendo as áreas do desenho, pintura e escultura.

⁵³ Fonte: “Das coisas nascem coisas” Munari, B.(1981), Edições70

⁵⁴ Fonte: “Das coisas nascem coisas” Munari, B.(1981), Edições70

II.3.2. Proposta/Descrição/Planificação de atividades

A. Construção de pontos:

Esta atividade consiste na criação de composições plásticas explorando os conhecimentos de aplicação dos elementos estruturais da linguagem visual: ponto, linha e textura. Estes elementos serão representados recorrendo a materiais reutilizados, como: rolas, fios, botões, cápsulas, entre outros.

Esta atividade tem como objetivos: integrar o aluno na realização e produção de obras de grande expressividade artística através de materiais reutilizados; aplicar na criação de composições plásticas, elementos da comunicação visual ponto, linha e textura - utilizando materiais reutilizados, como meio de expressão plástica.

Numa fase inicial, os alunos terão que adquirir os conhecimentos necessários para posterior aplicação dos elementos, através da visualização de um diaporama de exposição da matéria. Serão ainda mostrados e analisados exemplos de trabalhos de vários artistas. Exemplo de referência pode ser algumas das obras de Vik Muniz, pois os princípios do “pontilhismo” são-lhe inerentes.

Na fase seguinte terão que desenhar os contornos dos elementos formais da imagem. Depois organizar os vários materiais por cores, tamanhos e texturas e preencher as zonas através da aplicação dos diversos materiais. Os alunos serão convidados a afastar-se com frequência da obra, para perceber como à distância, o seu sistema de visão “funde” cores, “completa” formas, etc. É um bom exercício para provar, na prática, como funciona a perceção visual em termos de *gestalt*.

Segue-se uma planificação para esta atividade:

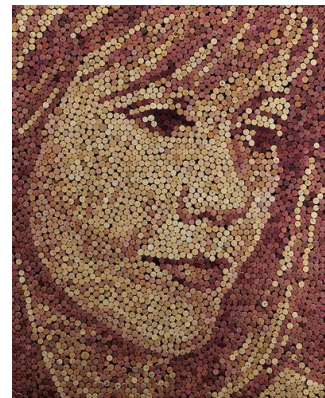
Planificação A

Atividade:	Elementos da comunicação visual Esta atividade consiste na criação de composições plásticas explorando os conhecimentos de aplicação dos elementos estruturais da linguagem visual: ponto, linha e textura. Estes elementos serão representados recorrendo a materiais reutilizados.
Objetivos:	<ul style="list-style-type: none"> - Aplicar os elementos estruturais da linguagem visual; - Utilizar diferentes técnicas e meios expressivos de representação;
Competências:	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar o ponto e a linha como elementos estruturais da linguagem visual; - Entender que a forma é constituída por elementos visuais.
Conteúdos:	<ul style="list-style-type: none"> - O ponto como unidade mínima de significação e expressão e enquanto elemento modelador da forma; - A organização do ponto e da linha no espaço; - A linha enquanto elemento de contorno/recorte e estruturador da forma;
Recursos:	<ul style="list-style-type: none"> - Cartão; - Materiais diversos (rolhas, fios, botões, cápsulas, entre outros). - Colas;
Estratégias/ Procedimentos:	<p>Apresentação de um diaporama com obras de vários artistas;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Os alunos a partir da imagem escolhida, devem ampliar o seu desenho linear estruturante. - Organizar o material escolhido por cores. - Monta-os colando-os até preencherem toda a superfície.
Duração:	6 blocos de 90 minutos.

Exemplo:



Trabalho com cápsulas de café de Ricardo Bellino



Trabalho com rolhas de Scott Gundersen

B. Ilustração:

A atividade consiste na criação de ilustrações em que os alunos terão que trabalhar temas como vitória, humor e desespero através da representação da figura humana de modo a que cada uma adquira significado específico.

Tem como objetivo comunicar conceitos abstratos através da técnica da colagem, criando trabalhos de expressividade plástica.

Numa primeira fase os alunos terão que analisar alguns exemplos de autores que utilizaram a técnica das colagens nas suas ilustrações/obras. Seguidamente, devem recolher diversos materiais impressos para recorte. Devem organizar os vários elementos sobre o suporte de cartão, e no final proceder à colagem.

Os alunos devem ser críticos em relação ao trabalho, apresentando um pequeno comentário à ilustração concebida. A colagem com fragmentos de imagens das mais variadas proveniências (revistas, jornais, etc) permite, aos alunos com menos domínio do desenho, expressar conceitos abstratos importantes para esta faixa etária, na qual existe uma grande preocupação com questões éticas e sociais. A colagem é um meio de expressão privilegiada para tratar problemas de comunicação (ao nível denotativo e conotativo) adquirindo, literacia visual em termos de expressão composição, no fundo grande parte das competências que se podem atribuir à disciplina de Educação Visual. A palavra e a letra (tipo) também têm um papel na colagem mostrando-se aos alunos obra gráfica surrealista (poesia visual e caligramas) e futurista de forma a alentá-los para o poder expressivo do tratamento gráfico da palavra e da letra.

Segue-se uma planificação para esta atividade:

Planificação B

Atividade:

Ilustração

Com esta atividade pretende-se comunicar conceitos abstratos, criando trabalhos de grande expressividade plástica. Os alunos terão que trabalhar temas como vitória, humor e desespero através da representação da figura humana de modo a que cada um adquira significado específico.

Objetivos:

- Comunicar conceitos abstratos através da técnica da colagem;
- Criar trabalhos de grande expressividade plástica através de papel desperdiçado;

Competências:

- Reconhecer, através da experimentação plástica, a arte como expressão de sentimento;
- Criar composições a partir de observações diretas e de realidades imaginadas utilizando elementos e os meios da expressão visual;

Conteúdos:

- Visão/perceção
- Desenho
- Desenho de síntese
- Colagem
- Reciclagem/reutilização

Recursos:

- Revistas, jornais e cartão;
- Cola;
- Tesoura;

Estratégias/

Procedimentos:

- Apresentação de um diaporama com vários exemplos;
- Os alunos devem fazer recortes de revistas e jornais relacionados com os temas ou o conceito a trabalhar.
- Organizá-los e colá-los numa superfície rígida (cartão ondulado) até obter o resultado final.

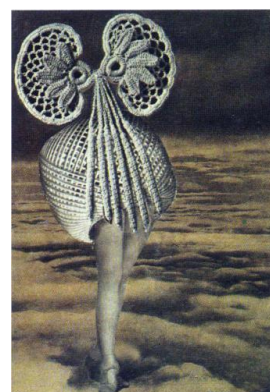
Duração:

4 blocos de 90 minutos.

Exemplo:



Max Ernst , *Listonosz Cheval*, 1932



Max Ernst, *Above the clouds*, 1920

C. Representação tridimensional de figuras:

Esta atividade consiste na representação de figuras tridimensionais a partir de exercícios de representação da figura humana.

Tem como objetivos representar figuras tridimensionais a partir de representações bidimensionais, relacionando estrutura e proporção e reutilizando papel desperdiçado através da aplicação da técnica do *papel machê*.

Inicialmente os alunos deverão analisar alguns exemplos de figuras tridimensionais elaboradas com a técnica do *papel machê*. Depois efetuar registos de representação dos colegas. Seguidamente eleger o modelo que será representado tridimensionalmente e estruturá-lo com arame e rede de aço (fina) para pequenos objetos ou rede de galinheiro (para objetos de maior porte) tendo em conta as devidas proporções, subestruturas, junções e nós.

Para que a figura tome volume, a estrutura deve ser coberta com papel reutilizado amachucado fixado com fita adesiva de papel. A superfície exterior deve ser moldada com tiras de papel reutilizado molhadas em cola branca diluída em água. Depois de seco pinta-se com guache ou acrílico e enverniza-se.

Os alunos deverão apresentar um pequeno relatório descrevendo as dificuldades sentidas na execução do trabalho.

Segue-se uma planificação para esta atividade:

Planificação C

Atividade:	Representação de figuras tridimensionais Esta atividade consiste na representação de figuras tridimensionais a partir de exercícios de representação da figura humana.
Objetivos:	<ul style="list-style-type: none"> - Criar figuras tridimensionais a partir de representações bidimensionais; - Reutilizar papel desperdiçado através da técnica do papel machê;
Competências:	<ul style="list-style-type: none"> - Representar expressivamente objeto/figura compreendendo relações básicas de estrutura e proporção; - Compreender as relações do Homem com o espaço: proporção, escala, movimento e antropometria;
Conteúdos:	<ul style="list-style-type: none"> - Volume - Escultura - Expressão - Reciclagem/reutilização
Recursos:	<ul style="list-style-type: none"> - Revistas e jornais; - Fita-cola de papel; - Colas; - Tintas; - Verniz;
Estratégias/ Procedimentos:	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação de um diaporama com obras de vários artistas; - Escolha do modelo a representar; - Criar a estrutura com arame com as devidas proporções, subestruturas, junções e nós; - Cobrir a estrutura com papel de jornal amachucado, para lhe dar volume; - Moldar com tiras de papel reutilizado, molhadas em cola branca diluída em água a superfície exterior. - Pintar com guache depois de seco e em seguida enverniza-se.
Duração:	5 blocos de 90 minutos

Exemplo:



Niki de Saint Phalle, *Toilette*, 1978



Niki de Saint Phalle, *Vénus Negra*, 1967

D. Animais:

Com esta atividade propõe-se aos alunos a construção de animais imaginários através da utilização de materiais desperdiçados.

Tem como objetivos envolver os alunos na criação de figuras tridimensionais através da reutilização de materiais, consciencializando os alunos para a importância de reutilizar os materiais atribuindo-lhe uma nova função.

Inicialmente, os alunos terão que analisar exemplos de trabalhos, materiais e técnicas usadas. Posteriormente, terão que criar esboços com base numa pesquisa efetuada a diversos animais. Depois, recolher e selecionar os materiais desperdiçados a incluir na estrutura, tendo em conta o peso, sustentabilidade e as características dos materiais. Por fim estruturar os vários materiais até atingir a forma pretendida agregando-os através de uma técnica, a explorar de acordo com o caso, de ligação de materiais.

No final, os alunos deverão atribuir um nome ao seu animal, justificando os vários passos do processo criativo.

Segue-se uma planificação para esta atividade:

Planificação D

Atividade:	Animais
	Com esta atividade propõe-se aos alunos a construção de animais, envolvendo-os na criação de figuras tridimensionais através da utilização de materiais desperdiçados.
Objetivos:	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar e distinguir os vários tipos de estruturas; - Identificar, distinguir e aplicar os conceitos de simetria e assimetria;
Competências:	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender, através da representação de formas, os processos subjacentes à perceção do volume; - Compreender a estrutura das formas naturais, relacionando-as com os seus contextos;
Conteúdos:	<ul style="list-style-type: none"> - Volume - Estrutura - Escultura - Assemblage - Reciclagem/reutilização
Recursos:	<ul style="list-style-type: none"> - Materiais desperdiçados; - Alicates; - Ferramentas de corte; - Pistola de cola quente; - Ferro de soldar;
Estratégias/ Procedimentos:	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação de um diaporama com obras de diversos artistas; - Pesquisa e recolha de imagens de animais; - Criar a estrutura com os materiais, aplicando a técnica de ligação adequada.
Duração:	5 blocos de 90 minutos

Exemplo:



Pablo Picasso, *Cabeça de touro*, 1943



E. Construção de Objetos reciclados:

Esta atividade incita, nos alunos, a tarefa de reutilização de um objeto que deixou de ser útil, com o intuito de o transformarem noutra, com uma nova função.

Tem como finalidades incutir, nos alunos, a reciclagem/reutilização como prática visando uma melhoria ambiental, mas também saber analisar as funções do design e aplicar a metodologia projetual.

Os alunos deverão procurar, em casa, objetos que já não tenham utilidade. Depois analisar as características e as potencialidades dos objetos, tendo em vista um novo uso. Devem ser feitas alterações e ajustes, assim como podem associá-los a outros.

No final, os alunos, deverão justificar os vários passos do processo de transformação do objeto.

Segue-se uma planificação para esta atividade:

Planificação E

Exercício sugerido no Guia do Professor - Manual de Educação Visual (7º, 8º e 9º) - Porto Editora

Atividade:	Objetos Reciclados Propõe-se aos alunos a tarefa de reciclagem de um objeto que deixou de ser útil e que o transformem noutro, com uma nova função.
Objetivos:	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender a metodologia projetual; - Compreender as funções do design;
Competências:	<ul style="list-style-type: none"> - Saber analisar as funções do design; - Introduzir a reciclagem como prática visando a melhoria ambiental;
Conteúdos:	<ul style="list-style-type: none"> - Design - Funções do design - Projeto - Reciclagem/ Reutilização
Recursos:	- Materiais desperdiçados;
Estratégias/ Procedimentos:	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação de um diaporama com obras de diversos artistas; - Os alunos deverão procurar objetos que já não tenham utilidade; - Analisar as características e potencialidades dos objetos tendo em vista um novo uso; - Os objetos devem sofrer alterações e podem ser associados a outros.
Duração:	4 blocos de 90 minutos

Exemplo:



Relógio de parede com roda de bicicleta



Candeeiros feitos com talheres e copos de plásticos usados



Saco feito com peças de marcadores usados



Sofá de tecidos usados, atados.

II.3.3. Disciplina de Oficina de Artes

Esta disciplina lecionada no 12º ano tem como objetivo principal a aplicação de todos os conhecimentos adquiridos, intensificando a noção de ofício na sociedade/comunidade em que está inserido.

Nesta perspectiva, propõe-se abrir espaço à experimentação e realização do projeto artístico, privilegiando a elaboração de trabalhos práticos que reflitam relações entre as técnicas convencionais e as matérias e /ou materiais vindos do exterior.

O aluno deverá desenvolver competências que o tornem capaz de, através de diversos meios, representar bi e tridimensionalmente. Deverá dominar, intervir criticamente na comunidade em que está inserido, através do desenvolvimento de projetos nas diversas áreas de estudo.

II.3.4. Descrição/Planificação de atividades

A. Amigo imaginário:

Amigo imaginário é o nome da atividade de criação de figuras tridimensionais, a partir da recolha e seleção de materiais e objetos desperdiçados. Esta atividade apresenta-se com este nome, porque um amigo imaginário é uma figura inventada, com comportamento e personalidade elaborada. Assim, os alunos terão que criar figuras que sirvam de veículo, na alteração dos comportamentos e atitudes da sociedade.

Esta atividade tem como objetivos aproveitar as potencialidades plásticas dos materiais desperdiçados na criação de figuras e sensibilizar os alunos para a importância da reutilização dos materiais na criação de obras de arte, proporcionando o estudo de artistas que usaram em suas obras, materiais descartados.




Na fase inicial, através da apresentação de um diaporama, será feita uma análise a obras de vários artistas que introduziram novas técnicas e novos materiais nas suas criações, para que os alunos adquiram conhecimento e consciência de que os materiais e objetos descartados podem adquirir um novo significado, quando colocados, em conjunto, na criação da obra de arte.

Numa segunda fase, os alunos terão que recolher imagens e criar esboços do tema que querem representar. Posteriormente a escolha e recolha dos materiais. Estes devem ser escolhidos criteriosamente de acordo com as suas características: a forma, a cor, a textura e o seu valor simbólico. Por fim a montagem dos objetos, tendo em conta a técnica de ligação dos vários materiais, até se obter a forma final.

Por fim, os alunos, devem ser críticos em relação ao seu trabalho, apresentando um relatório onde explicam e fundamentam o processo criativo e intenções da obra criada.

Segue-se uma planificação para esta atividade:

Planificação A

Atividade:	Amigo Imaginário
	Criação de figuras tridimensionais, a partir da recolha e seleção de materiais desperdiçados, que sirvam de veículo, na alteração dos comportamentos e atitudes da sociedade.
Conceitos:	Material; Expressão; Ato/Processo Criativo;
Objetivos:	<ul style="list-style-type: none"> - Criar composições tridimensionais a partir de desperdícios do dia-a-dia; - Expressar através da composição uma ideia ou uma atitude crítica; - Sensibilizar os alunos para a importância da reutilização dos materiais nas suas composições;
Competências:	<ul style="list-style-type: none"> - Manipular, com intencionalidade, os diferentes processos técnicos da representação e expressão visual; - Utilizar adequadamente os materiais, suportes e os instrumentos necessários à construção de uma mensagem visual; - Intervir criticamente, no âmbito da realização plástica, na comunidade em que está inserido;
Conteúdos:	<ul style="list-style-type: none"> - Materiais (caraterísticas) - Suportes (caraterísticas, dimensões e funções) - Técnicas (modos de formar)
Materiais:	<ul style="list-style-type: none"> - Materiais desperdiçados - Colas - Arames - Pasta de papel (feito com desperdício de jornais e revistas) - Gesso - Barro
Estratégias/ Procedimentos:	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação de um diaporama com obras de vários artistas; - Definição do tema com base em imagens recolhidas pelos alunos; - Criação de esboços do tema a representar; - Escolha dos materiais com base nas suas caraterísticas: forma, cor, textura e significado; - Montagem dos objetos tendo em conta a técnica de ligação dos vários materiais; - Análise crítica da composição criada.
Duração:	9 unidades letivas (90min.)
Exemplo:	  

B. Autorretrato alegórico:

Esta atividade consiste na elaboração de uma composição tridimensional que traduza um conceito, através do autorretrato do aluno. Esta composição terá que desencadear discursos através de materiais reutilizados que expressem valor simbólico.

Tem como objetivo sintetizar conceitos de arte e aptidões em atividades que são pessoalmente e esteticamente significativos, através da ilustração de conceitos imaginativos e criativos.

Os alunos inicialmente terão que se descrever a si próprios e analisar a forma como se inserem na sociedade. Têm que pensar em símbolos/ações que os representem, sem serem óbvios, procurando alternativas para abordar diversos tópicos como: família, nacionalidade, cultura e religião.

Posteriormente terão que recolher materiais de acordo com a ideia a transmitir. Estes servirão de meio na transmissão da mensagem, e os materiais podem mostrar diferentes significados e emoções quando observados.


Feita a recolha e análise dos materiais, os alunos terão que pensar como expor/montar os objetos, em relevo ou escultura.

No final os alunos devem ser críticos em relação ao seu trabalho, descrevendo a execução e a técnica, fundamentando as suas opções no processo criativo.

Segue-se uma planificação para esta atividade:

Planificação B

Adaptado de um exercício retirado do sitio em: <http://www.incredibleart.org/lessons/high/Melinda-sculpture.htm>

Atividade:	Autorretrato alegórico
Conceitos:	Comunicação e linguagens; Objeto artístico; Representação; Modelação;
Objetivos:	<ul style="list-style-type: none"> - Inferir conceitos de linguagem; - Desenvolver capacidades de leitura e análise dos modos de formar do objeto artístico; - Sensibilizar os alunos para a importância da reutilização dos materiais nas suas composições;
Competências:	<ul style="list-style-type: none"> - Utilizar adequadamente os materiais, suportes e os instrumentos necessários à construção de uma mensagem visual; - Intervir criticamente, no âmbito da realização plástica, na comunidade em que está inserido;
Conteúdos:	<ul style="list-style-type: none"> - Conceitos de linguagem - Materiais - Valores (textura, lumínicos - claro/escuro, cromáticos) - Do projeto ao objeto
Materiais:	<ul style="list-style-type: none"> - Materiais desperdiçados - Colas - Arames - Pasta de papel (feito com desperdício de jornais e revistas) - Gesso - Barro
Estratégias/ Procedimentos:	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação de um diaporama com obras de vários artistas; - Análise de si próprios (inserção na sociedade, símbolos/ações que os represente); - Procurara alternativas para abordar tópicos (família, nacionalidade, cultura e religião); - Organizar os objetos para expor/montar de acordo com a composição, em relevo ou escultura; - Análise crítica da composição criada.
Duração:	9 unidades letivas (90min.)
Exemplos:	

C. Lugar ideal:

Lugar ideal é o nome da atividade que consiste na elaboração de uma representação abstrata por formas de estratificação de materiais reutilizados que traduza um lugar imaginário refletido por cada aluno. A idealização de um lugar perfeito conjuntamente com reutilização de materiais pode consciencializar os alunos para o fato da poluição e da importância da preservação do meio ambiente, criando um mundo melhor.

Nesta atividade o objetivo é estimular os alunos na descoberta do espaço negativo e positivo, através da colocação dos diversos materiais. E ainda a manipulação e experimentação das propriedades plásticas e visuais dos diversos materiais desperdiçados.

Os alunos inicialmente terão que definir o projeto através de esboços. Depois escolher uma base para a sua representação (cartão ondulado ou prensado), dependendo do peso dos materiais a agregar à obra. Seguidamente terão que organizar os materiais e através de colagem incorporá-los à composição. Concluída a obra, os alunos terão que pintar todos os objetos com a cor que melhor represente a sua ideia.

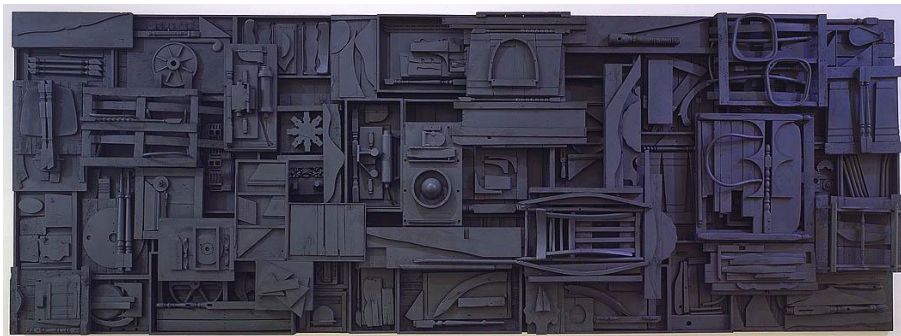
Os alunos no final devem ser críticos em relação ao seu trabalho, apresentando um relatório descrevendo o processo criativo e intenções da obra criada.

Segue-se uma planificação para esta atividade:

Planificação C

Adaptado de um exercício retirado do sitio em: <http://www.incredibleart.org/lessons/elem/perfectplace.html>

Atividade:	Lugar Ideal
Conceitos:	Valores de textura, lumínicos e cromáticos; Material; Processo criativo;
Objetivos:	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar, em obras previamente selecionadas, os elementos estruturais da linguagem plástica que nelas são determinantes, bem como os efeitos expressivos que daí resultam; - Reconhecer nas propriedades físicas dos suportes e instrumentos, fatores determinantes na definição da obra gráfica/plástica; - Entender o ato/processo criativo como espaço de cruzamento de diversas condicionantes físicas e conceptuais;
Competências:	<ul style="list-style-type: none"> - Utilizar adequadamente os materiais, suportes e os instrumentos necessários à construção de uma mensagem visual; - Manipular, com intencionalidade, os diferentes processos técnicos da representação e expressão visual; - Intervir criticamente, no âmbito da realização plástica, na comunidade em que está inserido;
Conteúdos:	<ul style="list-style-type: none"> - Valores (textura, lumínicos - claro/escuro, cromáticos) - Materiais - Metodologias - Do projeto ao objeto
Materiais:	<ul style="list-style-type: none"> - Materiais desperdiçados (caixas) - Colas - Gesso
Estratégias/ Procedimentos:	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação de um diaporama com obras de vários artistas; - Elaboração de esboços do projeto; - Definir a base consoante o trabalho a realizar; - Organizar os objetos e incorporá-los à composição; - Pintar uniformemente toda a composição a uma só cor;
Duração:	6 unidades letivas (90min.)
Exemplos:	



Louise Nevelson, *Sky Cathedral*, 1982

D. Obra de desperdícios:

Obra de desperdícios consiste numa atividade de colagem de materiais desperdiçados, organizados sobre um suporte, por fim a materializar uma ideia original.

Tem como objetivo entender o processo criativo como espaço de cruzamento de diversas condicionantes físicas e conceptuais, assim como, reconhecer nas propriedades físicas dos materiais e suportes, fatores determinantes na definição da obra plástica.

Os alunos terão que identificar os fatores que conduziram alguns artistas à colagem/assemblage de materiais diversos nas suas obras, criando caminho a novos campos expressivos, para assim definirem o tema que querem desenvolver.

Com o tema já definido, terão que escolher um suporte apropriado ao tema e selecionar os materiais de acordo com o sentido que pretendem dar à colagem, preocupando-se com a relação entre os vários elementos: sentido, dimensão, disposição, valor cromático e plástico.

Por fim os alunos terão que atribuir um título e escrever um comentário ao trabalho final.

Segue-se uma planificação para esta atividade:

Planificação D

Atividade:	Obra de desperdícios
Conceitos:	Material; Processo criativo; Objeto artístico;
Objetivos:	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer nas propriedades físicas dos suportes e instrumentos, fatores determinantes na definição da obra gráfica/plástica; - Analisar e refletir sobre a génese do objeto; - Entender o ato/processo criativo como espaço de cruzamento de diversas condicionantes físicas e conceptuais;
Competências:	<ul style="list-style-type: none"> - Utilizar adequadamente os materiais, suportes e os instrumentos necessários à construção de uma mensagem visual; - Manipular, com intencionalidade, os diferentes processos técnicos da representação e expressão visual; - Intervir criticamente, no âmbito da realização plástica, na comunidade em que está inserido;
Conteúdos:	<ul style="list-style-type: none"> - Materiais - Modos de formar (especificidades, inter-relações, metodologias) - O projeto como sistema de relações transversais a várias áreas - Do projeto ao objeto
Materiais:	<ul style="list-style-type: none"> - Materiais desperdiçados - Colas
Estratégias/ Procedimentos:	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação de um diaporama com obras de vários artistas; - Definir um suporte e selecionar os materiais de acordo com o sentido que pretende dar à colagem; - Ordená-los tendo em conta a relação entre os vários elementos: sentido, dimensão, disposição, valor cromático e plástico.
Duração:	6 unidades letivas (90min.)
Exemplos:	



John Chamberlain, *Unlimited*, 1962



Kurt Schwitters, *Small Sailor's Home*, 1926

Parte II: Prática de Ensino Supervisionada

Introdução

Este Capítulo é a descrição do que foi a experiência vivida na Prática de Ensino Supervisionada (PES), efetuada no decorrer do ano letivo 2012/2013, sob orientação do Professor Cooperante Luís Branco, e da Supervisora de Estágio, Prof^a Doutora Fátima Caiado.

A PES desenvolveu-se na Escola Secundária c/ 3º Ciclo do Fundão em dois ciclos de ensino, na disciplina de EV, numa turma de 8º ano, no 3º ciclo do ensino básico (CEB) e na disciplina de DA, no 12º ano no ensino secundário, no curso científico-humanístico de Artes Visuais.

Encontra-se dividido por dois capítulos em que o primeiro é a abordagem ao contexto escolar em que decorreu a PES, com a caracterização do NE, das turmas e das disciplinas. O segundo capítulo descreve todas as atividades desenvolvidas no decorrer do ano letivo na PES.

Capítulo I: Escola e Comunidade Educativa

Este capítulo foi baseado na pesquisa do Regulamento Interno (RI) (Anexo I) do Agrupamento de Escolas do Fundão e Projeto Educativo de Escola (PEE) (Anexo II), Projeto Curricular de Escola (PCE) (Anexo III) da Escola Secundária c/ 3º ciclo do Fundão, onde decorreu a PES.

I.1. Agrupamento de Escolas do Fundão

O Agrupamento de Escolas do Fundão foi declarado a 28/06/2012 (Anexo I) por Despacho do Secretário de Estado do Ensino e Administração Escolar. É constituído por vários estabelecimentos de ensino público, dos diversos ciclos de ensino, desde o pré-escolar ao ensino secundário regular, incluindo ainda cursos de dupla certificação.

Tabela 1 - Listagem das escolas pertencentes ao Agrupamento⁵⁵

Jardins de Infância	Jl Capinha Jl Enxames Jl Fatela Jl Pêro Viseu
1º Ciclo	EB Alcaria EB Fatela EB Pêro Viseu EB Salgueiro EB Santa Teresinha EB Valverde
1º, 2º Ciclo e 3º Ciclo	EB João Franco
Secundária e 3º CEB	Escola Secundária c/ 3º ciclo do Fundão

I.2. Escola Secundária do Fundão c/ 3º Ciclo Ensino Básico

A escola sede do agrupamento é a Escola Secundária com 3º CEB do Fundão, situada no centro da cidade na Rua António José Saraiva, sendo a única Escola Secundária pública do concelho. Foi fundada em 1965, com designação de Escola Industrial do Fundão. Após o 25 de Abril de 1974 (Decreto-Lei nº 260-B/75 de 26 de Maio) passou a Escola Secundária, afirmando-se como uma organização de referência a nível concelhio e regional.

Porém esta escola situa-se na denominada região da Cova da Beira, inserida num meio rural despovoado, com ambiente social e economicamente desfavorecido, caracterizado pela

⁵⁵ Retirado do Regulamento Interno 2013 do Agrupamento de Escolas do Fundão

dispersão geográfica, em que contrastam zonas urbanas, com zonas rurais. Com um aumento significativo da população na cidade, devido à deslocação das famílias das aldeias provocou o despovoamento do meio rural, onde a principal atividade é a agricultura.

Por ser a única escola pública do concelho, a ESF assume uma importância cada vez maior junto da comunidade, impondo um conjunto de condições que permitem minorar dificuldades sociais e económicas. Dispondo de uma oferta o mais diversificada possível, adaptada às necessidades do concelho e região.

“A diversificação de ofertas através dos Cursos de Educação e Formação (CEF), Cursos Educação e Formação Adultos (EFA), Cursos de Educação Tecnológica (CET) e Cursos Profissionais (CP), além da oferta dos Cursos Científico Humanísticos e Cursos Tecnológicos, permitirá que os Alunos possam optar de forma mais ajustada às suas características e anseios, o que consequentemente levará à redução das taxas de abandono do sistema. Esta diversificação só terá os efeitos desejados se todos se envolverem neste projecto e nos seus objectivos.” (PEE, 2009, pág. 2)

Esta escola tem ainda como missão orientar a sua atividade, centrando-se nos alunos, regendo-se pelos seguintes princípios gerais:

“Uma Cultura de Mudança que fomente a capacidade de antecipar as alterações de ordem social, educativa e económica. Para tal impõe-se uma reflexão permanente, ao nível das diversas estruturas pedagógicas e organizativas, de forma a incorporar as mudanças necessárias que permitam a adaptação às necessidades dos diversos públicos internos e externos.

Uma Cultura de Responsabilidade por Objectivos que permita descentralizar os níveis de decisão, otimizando as formas de organização e o funcionamento das estruturas organizativas. Para tal será essencial atribuir os meios necessários à concretização dos objectivos. Esta descentralização poderá potenciar práticas inovadoras que sirvam de exemplo à organização como um todo.

Uma Cultura Orientada para os Resultados que se traduza num aumento das taxas de transição dos Alunos, numa diminuição das taxas de abandono e numa melhoria das taxas de sucesso por disciplina. Estes resultados devem permitir colocar a nossa escola como escola de referência a nível do concelho, distrito e nacional.” (PEE,2009, pág. 2)

Os serviços de apoio à comunidade escolar estão estruturados de forma a apoiar toda a organização, dispondo ainda de serviços de apoio às atividades formativas, destacando-se a Biblioteca Escolar/Centro de Recursos Educativos, o Serviço de Psicologia e Orientação (SPO) e o Serviço de Educação Especial.

Os horários de funcionamento, segundo o RI (Anexo I) e o PCE (Anexo III) da ESF, foram organizados obedecendo a pressupostos de natureza pedagógica. A escola funciona todos os dias úteis da semana, com horário letivo distribuído por três turnos (manhã, tarde e noite) com períodos temporais, definidos anualmente, em função das necessidades existentes em cada ano letivo. De forma a garantir a melhor qualidade da educação os horários no 3º ciclo e secundário são organizados em blocos de 90 e 45 minutos, podendo existir alguns de 135 minutos. Os intervalos variam entre 5 e 15 minutos, existindo sempre, no período da manhã ou da tarde, um intervalo de 15 minutos.

I.2.1 Infraestruturas do Ensino de Artes Visuais na ESF

A escola dispõe de infraestruturas e equipamento de apoio ao ensino das Artes Visuais. Um bloco dividido por salas de aulas, oficinas e laboratórios é destinado à prática das disciplinas específicas do Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais e disciplina de Educação Visual.

As referidas salas de aulas encontram-se equipadas com computador ligado à internet, quadro interativo e mesa de luz. Duas salas são destinadas à edição de vídeo e artes gráficas, equipadas com computadores, scanner, impressora (A3) e material de vídeo. Dispõe ainda de um amplo espaço dedicado à prática de Oficina de Artes, encontrando-se dividido por áreas para o desenvolvimento de diversas tecnologias, como serigrafia, cerâmica, gravura, mecânica e fotografia, estando estas áreas equipadas com materiais relacionados para o desenvolvimento dos mesmos.



Figura 34, 35 e 36 - Instalações de Artes Visuais na Escola Secundária com 3º Ciclo do Fundão

I.2.2. Departamento de Expressões e Grupo Disciplinar (600)

O departamento de expressões, coordenado pela professora Clara Barbosa, integra seis grupos disciplinares: Educação Visual e Tecnológica (240), Educação Musical (250), Educação Tecnológica (530); Artes Visuais (600), Educação Especial (910) e (920), Educação Física 2º CEB (260) e Educação Física 3º CEB e Secundário (620).

O grupo 600 de Artes Visuais, tem como delegado o professor José Luís Oliveira, Licenciado em Arquitetura, pela Faculdade de Belas Artes de Lisboa. Do grupo fazem parte nove professores: sete de Quadro de Nomeação Definitiva da Escola Secundária c/ 3º ciclo do Fundão e dois do Quadro de Nomeação Definitiva da Escola Básica João Franco.

I.3. Núcleo de estágio

O núcleo de estágio foi constituído pela Supervisora de Estágio da UBI, Prof^a Doutora Fátima Oliveira Caiado, pelo PC, Mestre Luís Branco e Grupo de Estágio (GE) constituído pelos quatro professores estagiários, Ana Inês Pombo, João Pedro Lopes, Paula Varandas (autora deste relatório) e Sara Fernandes.

A Prof^a. Doutora Fátima Oliveira Caiado, nasceu em 1967, natural de Lisboa, residente em Lisboa. Doutorou-se em Belas Artes, pela *Universidad Complutense de Madrid*. É Professora Auxiliar Convidada - UBI e Diretora de Curso do MEAV. (Anexo VII)

O Prof. Mestre Designer Luís António de Matos Branco, nasceu em 1956, natural de Donas, residente no Fundão. Licenciou-se em Design de Interiores e Equipamento Geral, pela Escola Superior de Design no IADE. Exerce funções como professor do grupo 600 na ESF. (Anexo VIII)

A professora estagiária Ana Inês Pombo, nasceu em 1977, natural de S. Maria (Covilhã), residente no Fundão. Licenciou-se em Cinema, pela Universidade da Beira Interior. Atualmente está desempregada.

O professor estagiário João Pedro Lopes, nasceu em 1972 é natural de S. Martinho, residente no Tortosendo. Licenciou-se em Design - opção Tecnologias para a Cerâmica, pela Escola Superior de Arte e Design das Caldas da Rainha do Instituto Politécnico de Leiria. Atualmente está desempregado.

A professora estagiária Sara Fernandes, nasceu em 1989 natural e residente na Aldeia de Joanes. Licenciou-se em Design Comunicação e Produção Audiovisual, pela Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco. Atualmente encontra-se desempregada.

A autora deste relatório, Paula Varandas, nasceu em 1980, natural de S. Pedro (Covilhã) e residente em Idanha-a-Nova. Licenciou-se em Artes da Imagem - opção Design Gráfico, pela Escola Superior de Artes Aplicadas de Castelo Branco do Instituto Politécnico de Castelo Branco. Atualmente é professora das Atividades Lúdico Expressivas do 1º CEB de Idanha-a-Nova e formadora do Curso Operador de Fotografia (CEF) na Escola Profissional da Raia Idanha-a-Nova e Ladoreiro. Realiza trabalhos de design comunicação em regime freelancer. (Apêndice I)

I.4. Horário da Prática de Ensino Supervisionada

O estágio foi desenvolvido em disciplinas integrantes de dois ciclos de ensino. A disciplina de Educação Visual numa turma 8ºD do 3º CEB e a disciplina específica de Desenho A, numa turma de 12º no curso científico-humanístico de AV. O seguinte horário apresenta a distribuição semanal das disciplinas que foram observadas ao longo do Estágio Pedagógico e as horas correspondentes às reuniões do NE com o PC.

Tabela 2 - Horário da Prática de Ensino Supervisionada

Tempos	Segunda	S	Terça	S	Quarta	S	Quinta	S	Sexta	S
8:20-9:05	Desenho A	EV2							E. VISUAL	EV2
9:05-09:50	12° CAV		Reunião						8°D	
10:05-10:50	Reunião		NE e PC							
10:50-11:35	NE e PC									
11:45-12:30					Desenho A	EV2			Desenho A	EV2
12:30-13:15					12° CAV				12° CAV	

I.5. Caracterização das turmas de PES

A caracterização das turmas de PES - 8ºD e 12ºCAV, foi realizada com base em dados recolhidos nas reuniões do Conselho de turma no início do ano letivo e por observação nas aulas. No entanto, na turma de 8ºD a Diretora de Turma, disponibilizou o PCT, documento que facilitou toda a caracterização, dando a conhecer o aluno assim como o ambiente em que está inserido. Na turma de 12º CAV, o Diretor de Turma, não realizou PCT, sendo os dados apresentados com base em informações recolhidas da reunião do conselho de turma e por observação direta nas aulas.

I.5.1. Turma 8º D

A turma de 8ºD é formada por um total de 23 alunos, 9 rapazes e 14 raparigas, com idades compreendidas entre os 13 e os 15 anos. Deste grupo, todos os alunos frequentaram o 8º ano pela primeira vez, com exceção de 4 alunos. Dos 23 alunos, 16 frequentaram no ano transato a mesma turma de 7º ano na Escola Secundária com 3º ciclo do Fundão.

Todos os alunos vivem no concelho do Fundão, sendo que 14 residem na sede concelho e os restantes nas freguesias limítrofes. Deste modo, grande parte dos alunos no percurso casa-escola desloca-se a pé ou em transporte público, com duração média entre os 5 e 15 minutos.

Alguns alunos devido a problemas de saúde têm que se ausentar durante largos períodos de tempo, dificultando por vezes o acompanhamento dos conteúdos lecionados. É de referir ainda, que um aluno apresenta NEE, demonstrando dificuldades a nível da leitura e escrita. Beneficiando de adaptações curriculares nas disciplinas de História, Matemática, Inglês, Português e Francês.

A turma apresenta alguns problemas de comportamento e de aprendizagem, facto que a levou a ser incluída com outra turma de 8º ano no Projeto EMA (Estímulo à Melhoria das Aprendizagens). Este projeto promovido pela Fundação Calouste Gulbenkian, tem como objetivo fomentar o sucesso dos alunos através da sua participação em atividades práticas inovadoras, em parceria com entidades regionais. As atividades de aprendizagem são ajustadas às preferências dos alunos, desenvolvidas em ambiente formal e não formal, envolvendo alunos, professores e ainda os pais/encarregados de educação. O GATA (Gabinete de Aprendizagem por Trabalho Autónomo) executa tarefas de recuperação/treino, distribuídas diariamente por diversas áreas. A frequência é obrigatória para alunos com dificuldades de aprendizagem onde, acompanhados por docentes e alunos voluntários do ES, desenvolvem atividades laboratoriais e de expressões (artes e desporto), dinamizadas por docentes, encarregados de educação e entidades parceiras.

I.5.2. Turma 12º CAV

A turma de 12º ano é formada por um total de 31 alunos, divididos por dois grupos: 23 alunos do Curso Científico - Humanístico de Ciências e Tecnologias e 8 alunos do Curso Científico - Humanístico de Artes Visuais. As disciplinas de formação geral são conjuntas e dividem-se nas disciplinas de formação específica (CT e AV).

Dos 8 alunos da turma CAV, 3 são raparigas e 5 são rapazes, todos vivem no concelho do Fundão, sendo que 3 residem na sede concelho e os restantes nas freguesias limítrofes. Deste modo, grande parte dos alunos, no percurso casa-escola, desloca-se em transporte próprio ou a pé, com duração média entre os 10 e 15 minutos.

Deste grupo de alunos, todos eles evidenciam capacidades ao nível de representação gráfica e criatividade à exceção de uma aluna que apresenta algumas dificuldades, por vezes superadas, devido a ser muito esforçada e trabalhadora, e apresenta dificuldades ao nível da motricidade fina, no entanto demonstra muitas capacidades ao nível da representação em desenho livre e aplicação das técnicas.

I.6. Educação Artística no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário

A PES desenvolveu-se em duas disciplinas pertencentes a dois ciclos de ensino distintos. A Educação Visual numa turma de 8ºano e Desenho A numa turma de 12º ano do curso científico-humanístico de Artes Visuais. É relevante perceber onde se enquadram estas disciplinas nos respetivos Currículos Nacionais, assim como, o projeto “Metas Curriculares” (Anexo VI) que embora não tenha sido aplicado este ano à turma imposta na PES, torna-se

pertinente saber quais as alterações visto a aplicação dos conhecimentos ser progressiva ao longo do 2º e 3º ciclo. Sendo que este ano letivo (2012/2013) tenha sido aplicado ao 7º anos, no próximo (2013/2014) ao 8º ano e no ano 2014/2015, ao 9º anos, entrando assim, definitivamente em vigor.

I.6.1. Projeto “Metas de Aprendizagem”

O Projeto “Metas Curriculares”, está inserido na Estratégia Global de Desenvolvimento do Currículo Nacional do Ensino Básico e Secundário, surgindo como alternativa ao documento “Currículo Nacional do Ensino Básico - Competências Essenciais”⁵⁶. Este projeto, estabeleceu-se conjuntamente com os atuais Programas das disciplinas, como um referencial essencial para o desenvolvimento do ensino, ajudando os docentes a encontrar os meios necessários, definindo conteúdos prioritários, para que os alunos adquiram conhecimento e desenvolvam as suas capacidades, nos diferentes níveis de ensino.

Sendo este documento específico para cada área disciplinar, estabeleceram-se princípios orientadores que regem o desenvolvimento e progressão da aquisição dos conhecimentos essenciais dos alunos, nas diferentes disciplinas do 3ºCEB, inclusive na disciplina de Educação Visual.

Para o Ensino Secundário ainda não se encontram definidas as metas curriculares, sendo que na página da internet do Ministério da Educação⁵⁷, que refere este projeto, não se verifica qualquer informação.

I.6.2. Enquadramento no currículo nacional do 3º Ciclo do Ensino Básico

A Lei de Bases do Sistema Educativo Português, integra a Educação Artística, como área curricular. Ao longo dos três ciclos do ensino básico, a educação artística desenvolve-se através de várias áreas artísticas (Expressão plástica e Educação Visual, Expressão e Educação Musical, Expressão Dramática/Teatro e Expressão Físico Motora/Dança).

Na matriz curricular (Decreto-Lei n.º139/2012 de 5 de Julho de 2012) do 3º CEB a componente de Educação Artística é subdividida em duas disciplinas, a disciplina de Educação Visual e outra disciplina oferta de escola de carácter artístico (Educação Musical, Teatro, Dança, Design, etc.), com base na formação dos professores do quadro docente.

Na ESF onde foi realizada a PES, a oferta curricular na área da Educação Artística no 3º CEB, para além da disciplina de Educação Visual, dispõe como oferta de escola da disciplina de Expressão Plástica, Oficina de Teatro e Design Gráfico, desde que a escola disponha de

⁵⁶ Despacho nº17169/2011, de 23 de dezembro

⁵⁷ Página oficial do Ministério da Educação: <http://www.dgidec.min-edu.pt/ensinosecundario/index.php?s=directorio&pid=4>, acedido em 7/6/2013

recursos humanos. Esta oferta mantém-se obrigatória durante os dois anos de escolaridade (7º e 8º anos).

I.6.2.1. Análise da disciplina de Educação Visual

A disciplina de Educação Visual foi uma das disciplinas lecionadas durante a PES, torna-se pertinente analisar quais os conteúdos, objetivos e as competências que os alunos devem adquirir na disciplina ao longo do 3º CEB.

A disciplina de Educação Visual, (Anexo VI) constitui-se como uma área do saber, necessária a situações de aprendizagem, formais e não formais, pretendendo estimular um universo de conhecimentos abrangentes, através da realização de práticas, que facultem a imaginação e a criatividade, desenvolvendo na descoberta o gosto pela investigação. Integrando três dimensões essenciais no desenvolvimento do ser humano - o *sentir*, o *agir* e o *conhecer*.

Atualmente, com o projeto “Metas de Aprendizagem” os conteúdos da disciplina foram organizados com base nos programas de Educação Visual, para que o professor articule os objetivos gerais com os conteúdos dos programas.

Os conteúdos apresentam-se assim, estruturados em quatro contextos:

“...contexto cultural dizem respeito a crenças, costumes e hábitos adquiridos pelo Homem como membro da sociedade, no contexto científico referem-se a informação baseada em princípios certos e comprovados, no contexto experimental dizem respeito ao conhecimentos adquirido através da prática, ensaios e tentativas, e no contexto da logística referem-se à organização e gestão de meios e materiais necessários a uma atividade ou ação”. (MCEB-EV,2012,pág. 3)

Sendo que os conteúdos do programa da disciplina se dividem em cinco blocos fundamentais: comunicação, espaço, estrutura, forma e luz-cor, considerados essenciais servindo de base de trabalho, à planificação da turma, no entanto deverão considerar-se outros conteúdos e abordagens adaptadas às necessidades da realidade local.

No entanto, as metas organizam-se com base na progressão da complexidade: horizontal (ao longo dos anos, do 5º ao 9º ano); vertical (evidenciando a articulação dos quatro domínios, ao longo de um ano) e o domínio (com base nos objetivos gerais, evidenciando progressos cognitivos, contidos no domínio em questão).

Declarando-se no decorrer do 2º e 3º ciclo, experiências que proporcionem vários universos visuais, evidenciando quatro domínios essenciais:

*“...o domínio da **Técnica** é caracterizado por procedimentos de carácter sistemático e metodológico que têm como objetivo a aquisição de conhecimento teórico e prático e a ampliação de aptidões específicas. O domínio da **Representação** é caracterizado por procedimentos de registo, comunicação, esquematização e visualização de simbologias gráficas de modo racional e conciso, conforme os propósitos a que se destina. O domínio do **Discurso** é caracterizado por procedimentos de encadeamento de factos e acontecimentos que aludem ao que se quer comunicar/significar e que são expressos segundo regras de construção discursiva. O domínio do **Projeto** é caracterizado por procedimentos coordenados e interligados, executados com o intuito de cumprir um determinado objetivo específico, envolvendo ações de análise de requisitos e recursos disponíveis”. (MCEB-EV,2012,pág. 3)*

Para cada nível de ensino, no decorrer do 2º e 3º ciclo são indicados os conteúdos e os objetivos gerais obrigatórios, articulados nos quatro domínios obrigatórios descritos anteriormente.

I.6.3. Enquadramento no Currículo Nacional do Ensino Secundário

O Ensino Secundário é definido pela Lei de Bases do Sistema Educativo como um ciclo com três anos de duração. É parte integrante do regime de escolaridade obrigatória (Lei n.º 85/2009, de 27 de Agosto 2009), destinando-se a todos os alunos que tenham concluído, com sucesso, o ensino básico (9º ano ou habilitação equivalente).

O ensino secundário procura adaptar-se às motivações, expectativas e aspirações dos alunos, através da diversificação da oferta educativa, estabelecendo-se os cursos científico-humanísticos direcionados para o prosseguimento de estudos de nível superior; os cursos tecnológicos e os cursos artísticos especializados, orientados na dupla perspetiva da inserção no mercado de trabalho e do prosseguimento dos estudos; e os cursos profissionais, vocacionados para a qualificação inicial dos alunos, permitindo o prosseguimento de estudos.

Os Cursos Científico-Humanístico, têm a duração de 3 anos letivos (10º, 11º e 12º anos de escolaridade) e estão vocacionados para o prosseguimento de estudos de nível superior, universitário ou politécnico, conferindo um diploma de conclusão do nível secundário de educação.

Contemplam quatro áreas específicas - Ciências e Tecnologias, Ciências Socioeconómicas, Línguas e Humanidades e Artes Visuais. Integram as seguintes componentes de formação: geral (visa contribuir para a construção da identidade pessoal, social e cultural dos alunos); e específica (visa proporcionar formação científica consistente no domínio do respetivo curso).

O curso científico-humanístico de Artes Visuais, curso onde incidu o desenvolvimento de PES, tem por objetivo munir o aluno de um conjunto de conhecimentos essenciais ao desenvolvimento de diversas capacidades, tais como: representação, expressão gráfica e plástica e comunicação visual, valorizando a análise e compreensão das obras de arte no seu contexto histórico e cultural. Noções que permitirão, ao aluno, através dos domínios da comunicação visual e linguagem gráfica e plástica, o desenvolvimento da expressão, perceção visual, sensibilidade estética e consciência crítica. Sendo ainda um contributo para o desenvolvimento da criatividade, dotando o aluno de capacidades técnicas de desenho e de manipulação de materiais, em ambientes bidimensionais e tridimensionais. Possibilitarão ainda, a consciencialização do objeto artístico como fator de enquadramento do processo histórico-cultural em que está inserido, sendo ainda fator de identificação de uma cultura ou época.

No Plano de Estudos⁵⁸ do curso científico-humanístico de AV, as componentes letivas distribuem-se pela formação geral e específica (Anexo IX). A componente de formação geral, de frequência obrigatória, inclui as disciplinas de Português, Língua Estrangeira I, II ou III, Filosofia e Educação Física. Sendo a componente de formação específica, dividida pelos três anos, incluindo a disciplina trienal de Desenho A, de frequência obrigatória. Para o 10º e 11º anos inclui duas disciplinas bienais, em que o aluno terá que optar por - Geometria Descritiva A, História e Cultura das Artes ou Matemática B. E no 12º ano, uma disciplina anual, em que o aluno terá que optar por - Oficina de Artes, Oficina Multimédia B ou Materiais e Tecnologias.

Torna-se pertinente neste relatório, para uma componente de ensino (docente) aprendizagem (aluno) mais informada e coerente, entre disciplinas, conhecer o programa das específicas do plano de estudos do Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais, pelo que se remete o leitor para o apêndice II, para uma análise desta natureza.

I.6.3.1. Análise da disciplina de Desenho A

Sendo a disciplina de Desenho A, uma das disciplinas a lecionar na PES, torna-se pertinente, efetuar no corpo deste documento, uma análise pormenorizada ao programa da disciplina.

Os objetivos e finalidades do programa de Desenho A, disciplina trienal, visam sobretudo a aquisição de uma eficácia pelo desenho a um nível pré-profissional e intermédio.

O programa está dividido em três áreas de exploração, tais como a perceção visual, a expressão gráfica e a comunicação. A perceção visual incide sobre as condicionantes biopsicológicas presentes perante o que é percebido visualmente. Na área da expressão gráfica estuda-se os recursos do desenho e convenções matéricas, incluindo a infografia. A área da comunicação dá uma perspetiva do desenho, quer contemporâneo (sincronia) quer ao longo dos tempos (diacronia).

Os conteúdos estão organizados de forma coerente e sequencial visando o aprofundar de competências por parte dos alunos. Tendo a mesma sequência ao longo dos três anos, é necessária, apenas uma verificação dos conteúdos que são de sensibilização e os que são de aprofundamento, considerando as condicionantes etárias, tanto a nível cognitivo como psicomotor e a experiência média adquirida previamente.

A metodologia sugerida adapta-se aos objetivos propostos pelo programa, privilegiando a atividade oficial como via para a exploração de conteúdos. A metodologia sugerida evoca que, fora do horário letivo, se incluam exercícios complementares de verbalização de experiências visuais. Sugere também o confronto quotidiano com exemplos do que o desenho

⁵⁸ Baseado no no Decreto-Lei n.º 272/2007, de 26 de Julho, Declaração de Retificação n.º 84/2007, de 21 de Setembro, Decreto-Lei n.º 50/2011, de 8 de Abril e Portaria n.º 244/2011, de 21 de Junho.

pode assumir como fator que motive o trabalho do aluno. Faz referência a vários exemplos de unidades de trabalho aos quais o professor pode recorrer, exercendo as suas opções ou alterações, na fase de planificação anual.

A disciplina tem o mesmo peso e duração ao longo dos 3 anos, com uma carga horária de 3,5 horas /semanais, 148,5 horas/ano.

As competências apontam para o desenvolvimento dentro de uma tricotomia global “Ver-Criar-Comunicar”. O aluno deverá observar e registar o quotidiano natural ou técnico, para depois aplicar procedimentos e técnicas com adequação e correção, criando novas imagens. Por fim o aluno conseguirá comunicar criticamente mensagens visuais.

A bibliografia está organizada segundo os conteúdos do programa, referindo os de carácter geral e específico. Faz referência a obras existentes em bibliotecas, assim como a obras recentes e fáceis de encontrar no circuito comercial. Não incluiu obras monográficas, o professor gere os itens de acordo com as suas opiniões, necessidades e experiências.

Capítulo II: Atividades Desenvolvidas

A PES iniciou-se, a 3 de Setembro, dia da apresentação dos Estagiários ao PC na ESF. Foram dadas a conhecer aos professores estagiários, as disciplinas e turmas que iriam ser acompanhadas. A disciplina de EV, numa turma de 3º CEB (8ºD) e a disciplina de DA, numa turma do ES (12º CAV). No período da manhã o PC Luís Branco realizou uma visita guiada pelas principais instalações da escola e salas onde iria decorrer as aulas da PES, o que permitiu conhecer, logo à partida, com que infraestruturas técnicas se poderia contar, para desenvolver atividades. Os professores estagiários marcaram ainda presença na reunião do grupo de expressões da ESF, presidida pela Coordenadora do grupo a professora Clara Barbosa, reunião em que os Professores Estagiários acompanhados do PC foram apresentados aos professores dos vários grupos disciplinares.

No dia 6 de Setembro, os professores estagiários acompanhados do PC marcaram presença nas reuniões dos Conselhos de Turma das turmas de 8ºD e 12ºCAV. Esta reunião, foi importante para os professores estagiários tomarem conhecimento das turmas assim como das dificuldades que lhes seriam apresentadas.

No decorrer da semana que antecipou o início do ano letivo, por várias vezes os professores estagiários reuniram com o PC para, em conjunto, analisarem os programas das disciplinas onde decorre a PES. Foi ainda solicitado aos professores estagiários que estruturassem as planificações anuais (Apêndice III) das duas disciplinas, assim como, as fichas de diagnóstico (Apêndice IV) aplicadas na primeira aula de cada turma, sendo que a de 12º ano seria repartida por dois blocos de aulas. Pretendia-se com a avaliação diagnóstica, apurar eventuais lacunas existentes ao nível de destreza na representação, linguagem específica das Artes Visuais, entres outros conhecimentos no âmbito artístico.

Ficou ainda estipulado que as primeiras UT, das duas disciplinas, ficariam a cargo do PC, para que os professores estagiários se ambientassem com todos os meios e recursos que a escola dispõe, para uma boa prática pedagógica. As UT seguintes seriam divididas pelos professores estagiários.

II.1. Diagnóstico das Turmas PES

As aulas da PES iniciaram no dia 14 de Setembro, um dia depois do início do ano letivo, nas turmas de 8º e 12ºanos. Os alunos demonstraram-se bastante recetivos em relação à presença dos professores estagiários, após as respetivas apresentações à turma por parte do PC, seguida das apresentações dos respetivos alunos. Neste dia foi ainda aplicada aos alunos de 8º e 12ºanos a avaliação diagnóstica.

II.1.1. Análise diagnóstica turma 8ºD

Com a ficha de diagnóstico, aplicada aos alunos detetou-se que, de uma forma geral, os alunos detêm alguns conhecimentos relativos aos grupos de diagnóstico, demonstrando mais dificuldades a nível de conhecimentos cromáticos e mistura de cores.

De forma geral, todos os alunos fizeram uma identificação precisa dos elementos básicos da linguagem plástica, à exceção de uma aluna. No entanto demonstraram dificuldades em reconhecer a relação entre retas.

Perante as estruturas, apresentadas no grupo de diagnóstico, os alunos demonstraram dificuldades em identificar as estruturas quanto à sua origem. Verificou-se ainda, que grande parte dos alunos não reconhece as formas geométricas. Deste grupo destacou-se uma aluna que demonstrou conhecimentos de geometria respondendo corretamente a todo o grupo e outro aluno revelando não deter noções de geometria, visto não ter apresentado nenhuma resposta.

As maiores dificuldades verificaram-se na identificação das cores primárias e síntese subtrativa, em que todos os alunos erraram à exceção de dois, que responderam corretamente a todo o grupo. No entanto, três alunos reconheceram as cores primárias embora não as saibam denominar corretamente. No entanto, um aluno não respondeu a nenhuma pergunta do grupo.

Ao nível da representação, os alunos demonstraram falta de expressividade e rigidez no traço, no entanto demonstraram algum cuidado em pormenorizar. Quatro alunos, já apresentaram algumas noções de tridimensionalidade e dois alunos atribuíram grande importância à representação de sombras. Destaca-se deste grupo uma aluna, com uma representação criativa, de grande expressividade e originalidade.

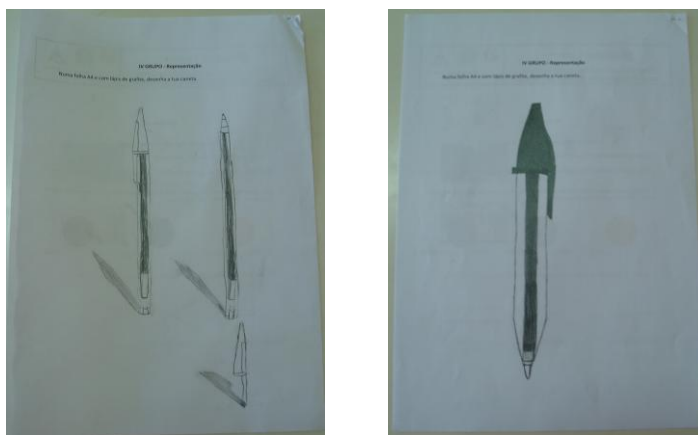


Figura 37 e 38- Exercício de representação diagnóstica de alguns alunos

II.1.2. Análise diagnóstica turma 12ºCAV

Tendo em conta os grupos de diagnóstico da primeira parte os alunos revelaram conhecimentos sobre as características dos elementos da linguagem plástica (textura), no entanto revelam alguma dificuldade em justificar as diferenças quanto à sua origem. Em relação à representação espacial, a maioria dos alunos possuía conhecimentos das técnicas de representação da profundidade, mas demonstraram ausência de vocabulário específico, à exceção de dois alunos que fizeram uma identificação precisa. Os métodos de simplificação da representação gráfica foram identificados corretamente por todos os elementos da turma, no entanto dois alunos não souberam justificar o processo.

A segunda parte do diagnóstico, baseou-se num exercício de representação gráfica de uma pintura do artista holandês Johannes Vermeer. Na representação teria que ser usado um método de simplificação com aplicação de uma técnica escolhida de várias dadas à escolha. A técnica escolhida por todos os elementos da turma foi a técnica de pastel óleo, evidenciando um bom domínio, à exceção de três alunos. No registo da morfologia apresentaram algumas incorreções e desproporções entre as partes. Demonstraram alguma correção no registo do volume, valores lumínicos e padrão do objeto revelando alguma expressividade.



Figura 39, 40, 41 e 42 - Representação diagnóstica da aluna Beatriz E. e Eduardo P.

II.2. Divisão das Unidades Temáticas

No dia 17 de Setembro, depois de analisadas as fichas de diagnóstico, o PC reuniu com os professores estagiários para proceder à distribuição das UT. Já tinha ficado decidido que as primeiras UT seriam lançadas pelo PC e as restantes pelos professores estagiários. Assim, na disciplina de Desenho A, as UT lecionadas no primeiro período seriam lecionadas em conjunto e no segundo período cada PE ficaria responsável por cada UT, sendo a distribuição realizada no final do período. Na disciplina de Educação Visual, por estar restringida a um único bloco

por semana, cada PE ficaria responsável por uma UT, repartidas pelo primeiro e segundo período. Apresentando-se a ordem seguinte:

Tabela 3 - Distribuição das UT pelo NE para o 1º período

8º ANO			
1UT	OBSERVAÇÃO E REGISTO DE FORMAS	PC Luís Branco	
2UT	ELEMENTOS DA LINGUAGEM VISUAL: PONTO E LINHA	PE Paula Varandas	1º PERIODO
3UT	MÓDULO PADRÃO	PE João Lopes	
4UT	COMUNICAÇÃO VISUAL: TIPOGRAFIA	PE Sara Fernandes	2º PERIODO
5UT	ANIMAÇÃO: BANDA DESENHADA	PE Ana Inês Pombo	
12º ANO			
1 UT	DESENHO DOS DESENHOS	PC Luís Branco	
2 UT	ESTUDOS DO ROSTO E CABEÇA ANATOMIA ROSTO, MÃOS E PÉS	PE João Lopes PE Ana Inês Pombo	1º PERIODO
3UT	RETRATO, AUTORRETRARO E CARICATURA	PE Paula Varandas PE Sara Fernandes	

Cada professor estagiário teve ainda a responsabilidade de acompanhar diversas tarefas desenvolvidas pelos alunos ao longo do ano letivo, distribuindo-se da seguinte forma: a PE Ana Inês Pombo - acompanhamento dos trabalhos apresentados nos Colóquios de História de Arte; o PE João Pedro Lopes, orientação do Plano Permanente Individual de cada aluno; a PE Paula Varandas (autora deste relatório) o acompanhamento e desenvolvimento do portefólio dos alunos nos diversos períodos e a PE Sara Fernandes, seguimento da evolução dos Diários Gráficos.

Em relação às avaliações, ficou decidido que os professores estagiários ficariam responsáveis pelas avaliações intercalares e de final de período, sendo atribuída a responsabilidade, neste período, aos professores estagiários João Lopes, pela turma de 12ºCAV e a Paula Varandas, autora deste relatório, pela turma 8ºD, por serem os primeiros a lecionar as UT das duas disciplinas. Os dois professores estagiários estariam, ainda, em representação nas reuniões de avaliação. No período seguinte as avaliações ficariam a cargo das professoras estagiárias Ana Inês Pombo na turma de 8ºD e Sara Fernandes, turma de 12ºCAV.

II.3. Aulas - 1º Período

No decorrer do 1º Período, as UT, a cargo da PE autora deste relatório incidiram nas duas turmas onde se desenvolveu a PES. Tendo iniciado na disciplina de Educação Visual na turma de 8ºD, com a UT - *Elementos da Linguagem Visual: ponto e linha*. Posteriormente, na disciplina de Desenho A, na turma de 12º CAV com a UT - *Retrato, Autorretrato e Caricatura*, lecionando o módulo do autorretrato e caricatura.

II.3.1. Disciplina de Educação Visual

Para a planificação da UT - “*Elementos da linguagem visual: ponto e linha*” (Apêndice V), a PE e autora deste relatório delineou os objetivos essenciais a serem desenvolvidos.

A UT teve a duração de 4 tempos letivos, duas aulas de exposição e aplicação dos conteúdos e as restantes de aplicação prática através da criação de uma composição. As aulas iniciaram-se sempre com a leitura do sumário e a respetiva chamada dos alunos.

Tabela 4 - Divisão dos tempos letivos da UT: Elementos da Linguagem visual ponto e linha

	Outubro	Novembro	
	26	2	9 16
Elementos da Linguagem Visual: ponto e linha	Aulas expositivas e aplicação dos conteúdos	Aplicação prática na criação de uma composição final.	

As aulas expositivas foram sempre estruturadas por duas fases. Iniciavam com a apresentação de um diaporama onde eram expostos os conteúdos a abordar e os objetivos das atividades propostas. Tendo em conta a faixa etária da turma, existiu sempre a preocupação na seleção e tempo de exposição dos conteúdos. Para servir de motivação e inspiração aos alunos eram mostrados exemplos de obras de artistas. Após apresentação, seguia-se a aplicação prática dos conteúdos analisados anteriormente.

A avaliação da UT, foi feita mediante critérios de avaliação específicos, divididos por três parâmetros (Apêndice VI): domínio dos meios atuantes, domínio e aplicação dos elementos básicos da linguagem visual e criatividade na representação. Cada trabalho foi avaliado individualmente e no final foi feita uma média ponderada.

II.3.1.1. Primeira aula assistida - 26 Outubro 2012

O início da UT deu-se no dia 26 de Outubro, como descrita no plano (Apêndice VII). Iniciou com a apresentação de um diaporama (Apêndice VIII), que de forma ilustrativa mostrava aos alunos os elementos da linguagem visual. Foi determinante na identificação dos elementos estruturais da linguagem visual e compreensão da organização dos vários elementos em determinado campo visual. Através do exemplo de uma forma comum, os alunos foram levados a apontar quais os elementos que facilmente se identificam e os que podemos representar mas não são visíveis (Apêndice VIII).

De seguida, deu-se início à fase de exercícios onde os alunos tiveram de aplicar os elementos ponto e linha, através da recriação de folhas naturais (Apêndice X). O exercício foi repartido por duas fases. A primeira onde tiveram que usar a linha como elemento de contorno da forma, representando os contornos dos elementos formais da folha em desenho à vista. Foi solicitado o suporte A3, para adquirirem a noção das práticas de ocupação do espaço na página e de destreza no traço. Nesta fase, o acompanhamento dos alunos não foi facilitada devido ao número de alunos da turma, e a PE ser muito solicitada, devido às dúvidas que foram surgindo na ocupação e proporção do desenho na folha. Na segunda fase, tiveram que, através da técnica do marcador, aplicar o elemento da linguagem visual, o ponto, dando volume e expressividade à representação, através do preenchimento das zonas de estrutura e nervuras.



Figura 43, 44, 45 e 46 - Exercício de aplicação dos conteúdos, dos alunos Beatriz S., Cindy A., Jéssica A e Henrique F.

II.3.1.2. Segunda aula assistida - 2 Novembro 2012

A segunda aula (Apêndice VII), iniciou com algumas questões prévias acerca dos conteúdos. De seguida passou-se à apresentação de um diaporama (Apêndice IX), que serviu para demonstrar as variações de grandeza e expressão do elemento da linguagem visual, o ponto, através da sua representação e empregabilidade na obra de arte. Nesta aula os alunos já demonstravam conseguir identificar os elementos da linguagem visual enquanto geradores de superfície e modeladora da forma, então, tornou-se pertinente que os alunos visualizassem exemplos de vários artistas que utilizaram estes mesmos elementos na criação das suas obras (Apêndice IX). Estes exemplos para além de demonstrarem a perceção das formas e do volume através dos elementos visuais, serviriam de motivação ao desenvolvimento da atividade seguinte. A PE achou pertinente não limitar o número de exemplos a mostrar, embora a concentração nesta faixa etária seja menor. A apresentação foi estruturada para que os alunos não se dispersassem, deixando os exemplos mais motivadores para o fim, demonstrando que também se podem trabalhar estes elementos através de outros materiais sob outras perspetivas plásticas. Pretendeu ainda, que os alunos não se ligassem a um único exemplo mas a vários e que estes lhes servissem de inspiração para a atividade seguinte.

Após a apresentação, seguiu-se a proposta de atividade que iria ser desenvolvida no decorrer das aulas seguintes. A professora usou-se do último exemplo do diaporama (Apêndice IX) para o esclarecimento dos objetivos do exercício e aplicação dos elementos, ponto e linha.

A atividade proposta (Apêndice X), consistia na criação de uma composição, a partir de uma imagem (Anexo X), em que os alunos tinham que explorar os conceitos de aplicação dos elementos estruturais da linguagem visual: ponto e linha. A PE achou pertinente, visto o tempo da UT ser limitado, propor a imagem para desenvolvimento da atividade. A imagem sugerida foi de “Roy Lichtenstein”, que aplicou o “ponto” sob uma nova perspetiva plástica, o que despertou a curiosidade e o interesse por parte dos alunos em elaborar a composição. A atividade iniciou com os alunos a terem que passar a imagem para a folha de papel, momento em que foram surgindo algumas dúvidas na técnica empregue, o decalque, visto para muitos ser a primeira vez que a estavam a empregar. Com o desenho já concluído procedeu-se à parte em que os alunos tiveram que empregar o ponto e a linha tendo em conta o aspeto e expressão, aquando organizados num plano.

II.3.1.3. Terceira aula assistida - 9 Novembro 2012

Esta aula (Apêndice VII) serviu essencialmente para desenvolvimento da composição final proposta na aula anterior. No entanto, a PE teve de colocar algumas questões aos alunos acerca do aspeto e representação dos elementos da linguagem visual. Verificou-se no desenvolvimento de alguns trabalhos que os alunos não estariam a aplicar o ponto corretamente, apresentando-se em alguns casos a deformação da forma. Assim, a PE achou

importante inquirir alguns alunos chamando-os ao quadro, para assim demonstrarem como se representa o ponto, relativamente à sua forma e organização no plano.

De seguida os alunos continuaram o desenvolvimento da composição, começando a surgir em alguns casos trabalhos bastante criativos e outros em que as experiências nem sempre resultaram, mas com aconselhamento e orientação da, PE foram melhorando. Alguns alunos devido ao seu empenho e motivação conseguiram terminar a composição, necessitando a PE de sugerir outra imagem para desenvolvimento na aula seguinte. A imagem sugerida foi do mesmo autor, para ir de encontro à proposta da atividade final, continuando os alunos com a mesma motivação demonstrado inicialmente.

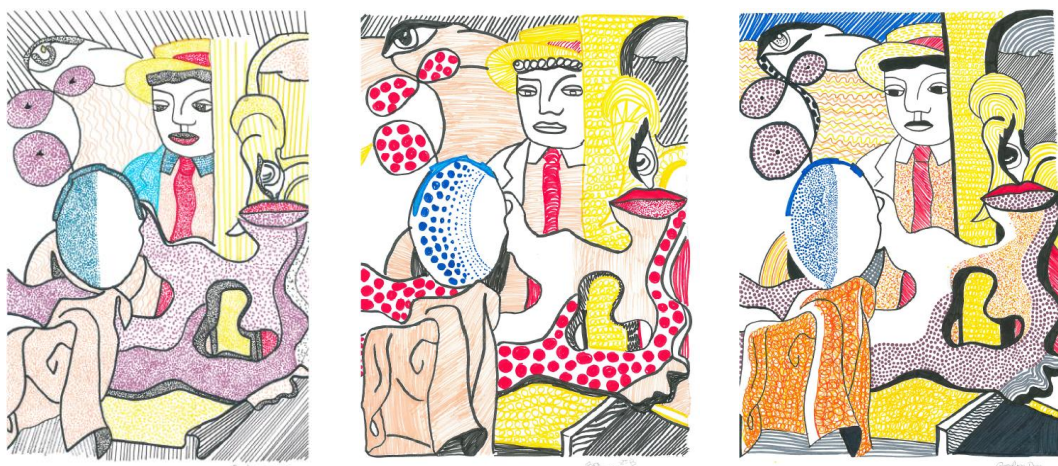


Figura 47, 48 e 49 - Composições finais. Trabalhos das alunas Beatriz S., Beatriz B. e Maria João D.

II.3.1.4. Quarta aula assistida - 16 Novembro 2012

A última aula (Apêndice VII), foi de conclusão da composição final. Ao longo do desenvolvimento da aula os alunos foram terminando a composição final e todos iniciaram a nova composição, sendo que alguns alunos, devido à escassez de tempo, tiveram de os terminar como trabalho de casa. Verificou-se na maioria dos casos uma preferência maior pelo elemento “ponto” para aplicação nesta nova composição, resultando em trabalhos diferenciados.



Figura 50, 51 e 52 - Composições finais. Trabalhos dos alunos, Jéssica A., Pedro G. e André T.

II.3.2. Disciplina de Desenho A

Na disciplina de Desenho A, a UT - “Retrato, Autorretrato e Caricatura”, ficou a cargo da PE (Paula Varandas) autora deste relatório e PE Sara Fernandes. Encontrando-se esta UT tripartida, tornou-se importante clarificar quais os objetivos essenciais e transversais aos três. A planificação (Apêndice XI) foi traçada para que cada módulo decorresse de forma individual, sendo aplicada, a cada um, a atividade correspondente. Tendo sido estruturada da seguinte forma:

Tabela 5 - Cronograma de distribuição da UT - Retrato, autorretrato e caricatura

	NOVEMBRO								DEZEMBRO			
	12	16	19	21	23	26	28	30	3	5	10	12
Retrato	Sara Fernandes (PE)											
Autorretrato									Paula Varandas (PE)			
Caricatura									Paula Varandas (PE)			

Assim sendo, a UT foi lançada com o módulo o “Retrato” da responsabilidade da professora estagiária Sara Fernandes. Os restantes dois módulos a cargo da professora estagiária Paula Varandas. No decorrer das aulas do módulo do “autorretrato” o PC em conjunto com a PE decidiram que a planificação deveria ser alterada, atribuindo mais tempo para desenvolvimento do trabalho. Então, chegou-se à conclusão que as datas dos módulos teriam que sofrer alterações, prolongando-se o módulo do “autorretrato”, até dia 5 de Dezembro e o módulo da “caricatura” iniciaria dia 10 de Dezembro, dando a possibilidade aos alunos de concluírem a atividade na primeira aula do segundo período.

As aulas foram estruturadas, sendo as primeiras aulas de exposição e desenvolvimento de estudos e as restantes de desenvolvimento da composição final. As aulas iniciaram-se sempre com a leitura do sumário e a respetiva chamada dos alunos.

Tabela 6 - Divisão dos tempos letivos dos módulos do autorretrato e caricatura

	Novembro		Dezembro				Janeiro
	28	30	3	5	10	12	4
Autorretrato	Aulas expositivas e desenvolvimento de estudos						
			Desenvolvimento da composição final				
Caricatura					Aulas expositivas e desenvolvimento de estudos		
							Desenvolvimento da composição final

A avaliação da UT, decorreu por fases. Foram elaborados critérios de avaliação transversais aos três módulos, em que cada atividade foi avaliada individualmente e no final foi feita uma média ponderada. Decorreu através da observação direta das atividades e análise dos trabalhos. Nesta UT, foram avaliados cinco parâmetros (Apêndice XII): domínio dos meios atuantes; aplicação de princípios de composição e estruturação da figura humana; capacidade de análise e representação do rosto; capacidade de síntese e evolução das propostas.

II.3.2.1. Primeira aula assistida - 28 Novembro 2012

O módulo do “*Autorretrato*”, lançou-se no dia 28 de Novembro. A aula, como descrito no plano (Apêndice XIII) foi dividida por duas fases: a exposição dos conteúdos e a fase de estudos do próprio rosto.

Iniciou com algumas questões acerca dos conteúdos do módulo anterior (Retrato) e compreensão do que poderá ser um autorretrato, evidenciando os alunos consciência das suas diferenças.

Seguidamente, passou-se à apresentação de um diaporama, onde os alunos através de vários exemplos puderam analisar a presença do autorretrato ao longo dos tempos (Apêndice XIV). Quais as formas que os artistas arranjavam para se autorretratarem, como estudo de si próprios, como forma de assinatura, ou como fator de projeção. Os alunos demonstraram, interesse principalmente em obras que conheciam, que desconheciam ser um autorretrato do artista.

Posteriormente, passou-se à fase de estudos do próprio rosto, através de uma fotografia passe. A escolha da fotografia passe, deveu-se ao fato de esta, não apresentar nenhuma expressão do rosto, sendo que cada um teria que realizar vários estudos de expressões e das características a demonstrar com a autorrepresentação. Os alunos demonstravam conhecimentos sobre a representação rigorosa da cabeça, fazendo uma boa aplicação dos eixos estruturantes. As dificuldades que foram surgindo na realização dos estudos, foram devido à falta de confiança e conhecimento das próprias características e expressões. Alguns alunos solicitaram o uso de um espelho ou do próprio telemóvel para melhor visualizarem as expressões a representar. A PE, alertou os alunos para as diferenças que poderiam surgir ao recorrer ao uso do espelho, com a imagem invertida poderia provocar erros na representação.

Por fim era evidente a evolução clara dos estudos, quase todos os alunos tinham conseguido alcançar as formas estruturantes do rosto, começando a surgir os primeiros estudos das expressões.

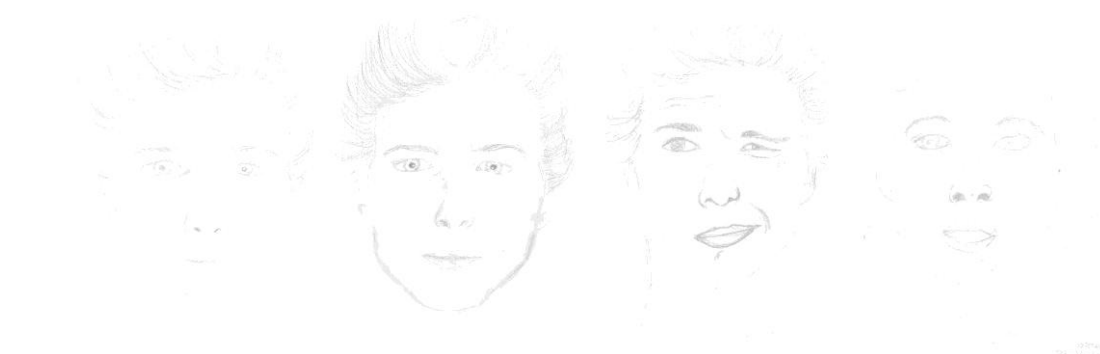


Figura 53 e 54 - Estudos das expressões do rosto, trabalho de Rodrigo V.

II.3.2.2. Segunda aula assistida - 30 Novembro 2012

Na aula seguinte (Apêndice XIII) os alunos foram questionados sobre as funções do autorretrato e o que pretendiam os artistas na autorrepresentação. Os alunos demonstraram deter informação sobre as motivações que levaram os artistas a representarem-se. De seguida, procedeu-se à apresentação de um diaporama (Apêndice XV) demonstrando que um autorretrato não é só a construção de uma imagem, mas o estudo da sua personalidade, a nível físico e emocional. Foi solicitado aos alunos que analisassem alguns exemplos de artistas que se autorrepresentaram em vários momentos da sua vida, recorrendo ao uso de símbolos ou envolvendo-se em cenários para demonstrar estatuto social, como terapia ou apenas para desvendar as marcas do tempo. Foi solicitado aos alunos que refletissem sobre as cores, símbolos e objetos que os identificassem.

Posteriormente, os alunos continuarão os estudos das várias expressões do rosto. Os alunos já se sentiam mais confiantes, embora alguns ainda demonstrassem alguma dificuldade em se representar, notando-se nos estudos alguma falta de expressividade. Nesta aula já começavam a surgir os primeiros estudos que desvendavam o que seria a proposta final.

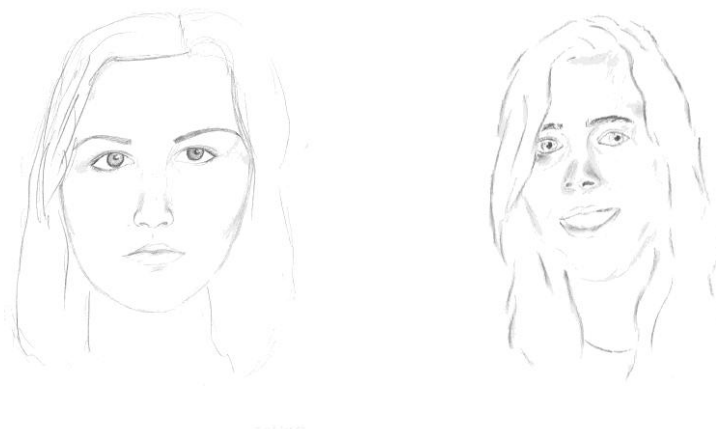


Figura 55 e 56 - Estudos do rosto - autorretrato, trabalhos de Beatriz E. e Inês M.

II.3.2.3. Terceira e quarta, aulas assistidas - 3 e 5 Dezembro 2012

Nesta aula tornou-se pertinente abordar de que forma os suportes e as técnicas também podem influenciar o conteúdo inerente num autorretrato. A PE seguindo o plano (Apêndice XIII), começou por apresentar um diaporama com alguns exemplos de autorretratos de artistas que aplicaram técnicas variadas nas suas representações (Apêndice XVI). Estes exemplos serviram de motivação para o desenvolvimento das propostas finais.

Os alunos ao analisarem as diversas imagens sentiram-se mais seguros em explorar os diversos materiais. A PE, deixou ao critério de cada um a técnica a aplicar, sendo que as mais exploradas foram, os pastéis, marcadores, lápis de cor e carvão.

Na última aula (Apêndice XIII) destinada à conclusão das propostas finais do autorretrato, alguns trabalhos já evidenciavam expressividade e criatividade. A PE acompanhou e aconselhou alguns alunos a melhorar alguns aspetos relacionados com a aplicação das técnicas, visto as formas estruturantes já estarem definidas.



Figura 57, 58 e 59 - Propostas finais do autorretrato, Inês M., Sebastião L. e José B.

II.3.2.4. Quinta Aula assistida - 10 Dezembro 2012

Nesta aula deu-se início ao módulo da “Caricatura”. Foi dividida por três fases: a exposição dos conteúdos, análise de imagens caricaturadas e fase de estudos de transformações do rosto dos colegas, como descrito no plano (Apêndice XVII).

A aula iniciou com um diálogo entre a PE e os alunos acerca dos elementos que diferenciam a identidade de um indivíduo, comentando alguns aspetos que se alteram com o passar do tempo, mas que continuam a ser fator de diferenciação e identificação do rosto. De seguida, passou-se à apresentação de um diaporama sobre a evolução e difusão da caricatura

(Apêndice XVIII). Para que os alunos percebessem o intuito da representação do rosto caricaturado. De início, alguns alunos mostraram-se confusos em relação à “caricatura” e ao “cartoon”, que com a visualização de alguns exemplos foram entendendo a diferenciação.

De seguida, a PE através do diaporama deu exemplos de como exagerar e realçar os pormenores do rosto sem que este perca a identidade. Através de esquemas (Apêndice XIX) que levam à representação das formas do rosto, usando âncoras (pontos em cada elemento do rosto) e pontos de articulação (pontos que vão delinear a forma), seguindo o mesmo método para todos os elementos do rosto.

Posteriormente, foram analisados alguns rostos, em que os alunos tiveram que identificar quais os elementos que deveriam ser exagerados, justificando e comprovando no final com a visualização do rosto caricaturado. Os alunos mostraram-se participativos, visto os exemplos expostos serem emblemáticos.

Seguidamente, passou-se à fase de estudos. Os alunos tiveram de se organizar em par e realizar estudos das transformações do rosto um do outro. Os alunos inicialmente tendiam a pormenorizar demasiado as formas, devido a ainda estarem ligados às representações do módulo antecedente. Foi uma aula dinâmica em que os alunos se mostravam empenhados em representar.

II.3.2.5. Sexta e sétima, aulas assistidas - 12 Dezembro 2012 e 4 de Janeiro 2013

Com os conhecimentos previamente adquiridos, os alunos nesta aula tiveram que continuar a desenvolver os estudos do rosto caricaturado. Seguindo o plano (Apêndice XVII) a PE referiu quais as características fundamentais de uma caricatura, chamando a atenção dos alunos para o uso de poucos traços criando maior expressividade ao rosto, visto que na última aula a PE verificou que os alunos estariam a representar com muito pormenor.

De seguida passou-se à apresentação de um diaporama, com esquemas representativos de todos os elementos do rosto (Apêndice XX), realçando a importância da expressividade dos olhos e boca. Para finalizar a exposição dos conteúdos, os alunos puderam assistir ao visionamento de um vídeo na Web (Anexo XI) com caricaturas de figuras emblemáticas da atualidade.

De seguida, os alunos retomaram os estudos iniciados na aula antecedente. No decorrer da aula já eram visíveis os rostos aproximando-se cada vez mais do traço da caricatura. Os alunos foram informados pela PE, que seria a última aula do primeiro período, pelo que teriam o período de férias para terminar os estudos com base nos pormenores recolhidos nas aulas.

Na primeira aula do segundo período (Apêndice XVII), sendo esta aula a última do módulo, os alunos tiveram que concluir as propostas finais. A PE fez uma breve observação pelos trabalhos, que ainda se encontravam pouco desenvolvidos. A PE foi aconselhando os alunos a explorarem mais o exagero de alguns elementos do rosto. Tendo no final surgido trabalhos de grande criatividade e expressividade.

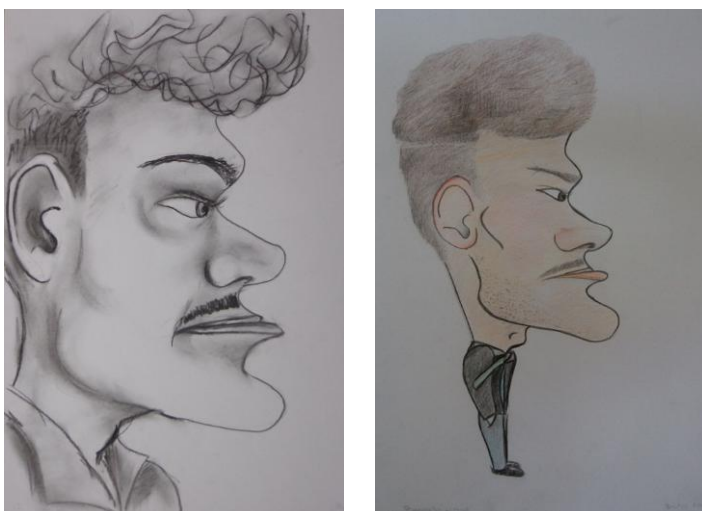


Figura 60 e 61 - Propostas finais da caricatura, trabalhos da aluna Beatriz E.

II.4. Aulas - 2º Período

No dia 19 Dezembro o PC reuniu com o GE a fim de se distribuir as UT a lecionar durante o 2º período. Assim, ao PC coube a primeira UT do período, sendo as restantes divididas pelos professores estagiários. Apresentando-se a seguinte ordem:

Tabela 7 - Distribuição das UT de Desenho A pelo NE para o 2º Período

12º ANO		
4UT	OLHO EM GRANDE PLANO	PC Luís Branco
5UT	ENSAIOS COMPOSITIVOS	PE João Lopes
6UT	ELEMENTO VEGETAL OBJETO TRANSPARENTE C/ÁGUA	PE Sara Fernandes
7UT	VISTA IMAGINÁRIA DE ESPAÇOS PARA ALÉM DO VISIVEL	PE Paula Varandas
8UT	IMAGENS COMPÓSITAS	PE Ana Inês Pombo

2º PERÍODO

Para além das UT, o PC informou que o GE em colaboração com a Prof^a Mariana Azevedo do Grupo 600 e o próprio PC, teriam que planificar a visita de Estudo a Espanha, sendo atribuído a cada professor estagiário a responsabilidade de preparar uma aula sobre um lugar ou uma obra a contemplar no decorrer da visita. Ficou estipulado que as aulas incidiriam na visita a Barcelona e Madrid. Preparando a aula da Basílica da Sagrada Família, a PE Sara Fernandes, o Urbanismo de Barcelona, o PE João Lopes, o Parque Guëll, a autora deste relatório e três obras do Museu Rainha Sofia em Madrid, a PE Ana Inês Pombo.

II.4.1. Disciplina de Desenho A

A UT, atribuída no 2º período à PE autora deste relatório na disciplina de Desenho A, foi “*Vista imaginária do Espaço | Para além do visível*”. Na planificação da unidade (Apêndice XXI) traçaram-se as atividades tendo por base as sugestões metodológicas específicas do programa da disciplina. Assim, definiram-se duas atividades, a primeira foi de representação do espaço do local onde o aluno se encontrava (sala de aula) adotando um ponto de vista imaginário e a segunda a representação de um espaço imaginário, tendo como base a obra de um artista, deslocando o ponto de vista situando-se noutra local dentro da própria obra.

A UT teve a duração de 5 tempos letivos, três aulas de exposição e aplicação dos conteúdos e as restantes de desenvolvimento das propostas finais. As aulas iniciaram sempre com a leitura do sumário e a respetiva chamada dos alunos.

Tabela 8 - Divisão dos tempos letivos da UT: Vista imaginária de espaços, para além do visível

	Fevereiro				
	18	20	22	25	27
Vista imaginária de espaços Para além do visível	Aulas expositivas de aplicação dos conteúdos			Aplicação prática no desenvolvimento da composição final.	

A avaliação da UT, foi feita através da observação direta das atividades e análise dos trabalhos, com base em critérios de avaliação elaborados especificamente para a UT, sendo avaliados cinco parâmetros (Apêndice XXII): domínio dos meios atuantes; aplicação de princípios de composição e estruturação da representação visual; capacidade de análise e representação de objetos; domínio e aplicação de princípios e estratégias de composição e estruturação na linguagem plástica, compreensão e evolução dos estudos e propostas finais.

II.4.1.1. Primeira aula assistida - 18 Fevereiro 2013

A primeira aula da unidade foi planificada (Apêndice XXIII), tendo em conta os objetivos estipulados. Iniciou com a PE questionando os alunos sobre as diferenças entre o espaço que nos rodeia e esse mesmo espaço representado num desenho/pintura. Alguns alunos apontaram a perspetiva como a técnica principal para a representação do espaço.

De seguida, passou-se à apresentação de um diaporama (Apêndice XXIV), onde a PE referiu o método organizado de Leonardo Da Vinci em representar um mundo tridimensional numa superfície bidimensional, considerando três perspetivas distintas, que serviram de base ao trabalho deste artista enquanto pintor. Abordou ainda as técnicas de estruturação de uma composição, referindo a importância das linhas reguladoras e a definição da forma e proporção dos elementos principais. Os alunos ao longo da exposição foram questionados sobre o entendimento triplo da perspetiva, complementando a exposição dos conteúdos com esquemas e exemplos. Foi-lhes ainda exposto alguns exemplos de representações de diversos planos.

De seguida foi proposto aos alunos a elaboração de uma representação da sala de aula, tomando o teto como ponto de vista, como se este fosse transparente. Inicialmente os alunos não mostraram muito entusiasmo, devido às dificuldades na representação da perspetiva, demonstrando dificuldades em traçar as linhas reguladoras e os respetivos pontos de fuga. Os esquemas mostrados serviram de motivação e as dificuldades começaram a ser superadas.

II.4.1.2. Segunda aula assistida - 20 Fevereiro 2013

Nesta aula a PE achou pertinente planificá-la (Apêndice XXIII) de acordo com os conteúdos onde os alunos foram demonstrando mais dificuldades na representação do espaço. Os alunos foram questionados sobre as técnicas de representação do espaço tridimensional na representação bidimensional de uma pintura, sendo chamados ao quadro para, nos exemplos expostos (Apêndice XXV), traçarem as linhas reguladoras e identificarem as perspetivas. Os alunos demonstraram deter alguns conhecimentos, no entanto ainda surgiam algumas dúvidas aquando da perspetiva empregue. No decorrer da exposição a PE abordou ainda a projeção das sombras e reflexos e os aspetos a ter em conta na sua representação. Valendo-se de esquemas a PE foi expondo aos alunos a forma como estas se projetam e são representadas. De seguida, foi pedido aos alunos que analisassem alguns exemplos, em que os alunos tiveram que identificar as técnicas de representação da profundidade, sombras e reflexos empregues no desenvolvimento dos diversos desenhos.

No restante tempo de aula os alunos concluíram as representações da sala aula, tendo-lhes sido proposto que tomassem o teto como ponto de vista.

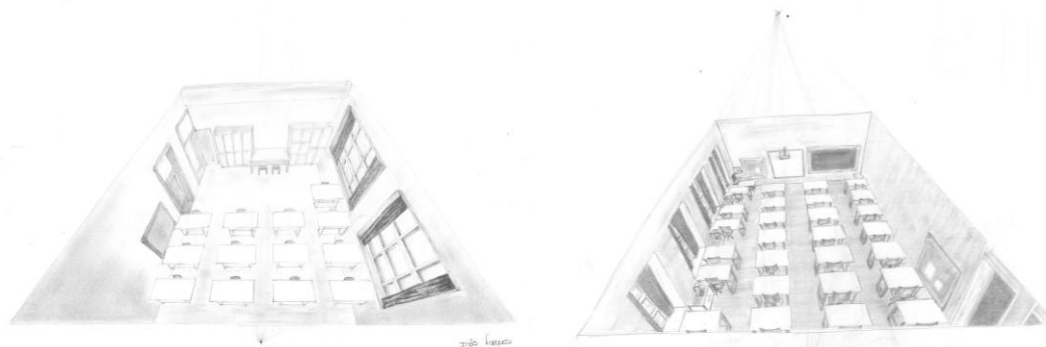


Figura 62 e 63 - Exercício de representação da sala de aula. Trabalhos dos alunos Inês M. e José B.

II.4.1.3. Terceira aula assistida - 22 Fevereiro 2013

A PE achou pertinente nesta aula abordar a representação da figura humana em perspetiva, assim como a sua colocação no espaço pictórico. De acordo com o plano (Apêndice XXIII) a aula teve início com a exposição dos conteúdos através da visualização de um diaporama (Apêndice XXVI) fazendo uma breve revisão aos conteúdos da aula anterior, através de questões colocadas aos alunos. De seguida, passou-se à representação da tridimensionalidade da figura humana, em que a PE através de uma representação de escorço, explicou de que forma os elementos que compõe a figura têm de ser estruturados, criando a impressão de tridimensionalidade ao desenho. Foi pedido aos alunos que analisassem desenhos da figura humana vista de vários planos, a fim de verificarem que, por vezes, os elementos têm que sofrer algumas deformações para se tornarem mais expressivos e próximos do real. Para além da representação da figura humana a PE achou relevante demonstrar de que forma se devem enquadrar várias figuras na mesma composição, traçando as linhas reguladoras e criando variações nas proporções.

Posteriormente, foi proposto aos alunos a criação de uma representação visual, a partir da obra “A Filha do Soldado” de Paula Rego, deslocando o ponto de vista como se estivessem dentro do quadro. O suporte escolhido foi a folha de papel de formato A3 e a técnica proposta foi a técnica do pastel óleo.

A PE achou de extrema importância a realização deste exercício, visto em anos anteriores terem surgido no exame de Desenho A, exercícios semelhantes. A técnica escolhida foi o pastel de óleo, devido ao fato dos alunos ainda sentirem algumas dificuldades na sua aplicação. Os alunos inicialmente sentiram dificuldades em colocar o ponto de visão como se estivessem dentro da obra. O fato de terem em mãos um exercício semelhante ao de um exame, provocou um certo nervosismo em quase todos os alunos, notando-se a falta de confiança na representação.

II.4.1.4. Quarta e quinta, aulas assistidas - 25 e 27 de Fevereiro 2013

Estas aulas foram destinadas ao desenvolvimento e conclusão das representações finais (Apêndice XXIII). Os alunos já apresentavam algum trabalho desenvolvido, no entanto a PE acompanhou o trabalho dos alunos aconselhando o aperfeiçoamento de alguns elementos e correção de erros na aplicação na técnica. Desta unidade resultaram trabalhos muito figurativos, possivelmente pela obra escolhida que remetia à figuração. É de referir que as dificuldades demonstradas, foram ainda justificadas pelos alunos com o fato de nos anos anteriores sentirem dificuldades na disciplina de Geometria Descritiva. A PE esforçou-se em colmatar essas dificuldades, através de explicações e exemplos que servissem de motivação, conseguindo que alguns ultrapassassem as dificuldades.

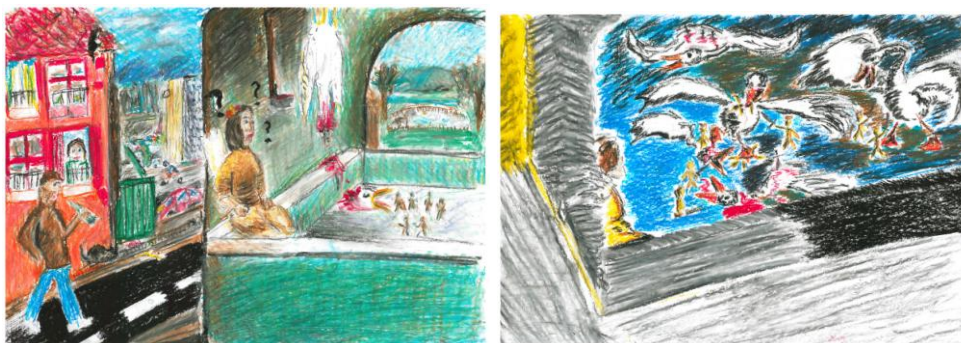


Figura 64 e 65 - Propostas finais da vista imaginária de espaços - para além do visível, trabalhos dos alunos Eduardo P. e Sebastião L.

II.5. Acompanhamento dos Portefólios

O acompanhamento do desenvolvimento dos portefólios dos alunos foi uma das tarefas atribuídas à PE, autora deste relatório. A cada aluno foi pedido a entrega do portefólio do ano anterior para a PE perceber o ponto de situação em que este se encontrava. Depois de analisados os diversos portefólios foram delineados critérios de avaliação específicos (Apêndice XXVII) com base em quatro parâmetros: apresentação, com base no aspeto gráfico e na legibilidade da informação; organização, com base na estruturação do trabalho; criatividade, na forma como apresenta os trabalhos; e qualidade dos trabalhos, na escolha dos trabalhos a apresentar.

A avaliação era realizada em datas estipuladas pela PE, em que os alunos tinham que proceder à sua entrega através de um ficheiro digital. No final de cada período foi-lhes atribuída uma nota quantitativa onde constava uma descrição dos aspetos relevantes a melhorar.

II.6. Avaliações

A avaliação dos trabalhos foi realizada através da observação direta das atividades e análise dos trabalhos, mediante critérios de avaliação específicos para cada UT (Apêndices VI, XII, XXII).

No 8º ano os critérios de avaliação organizavam-se numa percentagem de 0 a 100, distribuídos pelos vários parâmetros. No final de cada UT, os trabalhos eram avaliados e convertidos numa escala qualitativa de Muito Insuficiente a Muito Bom (Anexo III).

Em conjunto com o PC eram inseridas as percentagens referentes às UT e a avaliação do caderno diário a cargo do PC numa grelha de avaliação geral (Apêndice XXVIII). No final de cada período era calculada uma média ponderada numa escala de 0 a 5 (Anexo III).

No 12º ano os critérios de avaliação eram específicos para cada UT e divididos por diversos parâmetros seguindo uma escala de 0 a 200. Após entrega dos trabalhos, estes eram avaliados e analisados em conjunto com o PC, e inseridos numa tabela de avaliação geral das várias UT (Apêndice XXIX), para que de forma mais rápida se pudesse obter a média ponderada no final de cada período. Para além das avaliações das várias UT, na tabela de avaliação geral, constavam ainda as avaliações das tarefas (portefólio, diário gráfico) realizadas pelos alunos, cujo desenvolvimento estava a cargo dos diversos professores estagiários e ainda a avaliação do caderno diário realizada pelo PC.

A avaliação de final de período coube a cada professor, sendo-lhe atribuída uma turma num período. A PE autora deste relatório, como já foi referido, aquando da distribuição das UT e das tarefas a acompanhar, ficou responsável pela avaliação da turma de 8º ano no 1º Período. Para além da representação na reunião de avaliação, onde teve de ditar as notas dos alunos, teve ainda que elaborar a comunicação sobre o desempenho geral da turma para constar na ata. Redigiu ainda uma síntese descritiva dos alunos para constar na ficha individual de avaliação.

II.7. Atividades Complementares e Extracurriculares

A ESF dispõe de um Plano Plurianual de Atividades (Anexo V) com o objetivo de orientar estrategicamente as atividades mais importantes a desenvolver, servindo de referência à elaboração do PAA (Anexo IV).

As atividades definidas procuram de forma geral, melhorar as taxas de sucesso diminuindo o seu abandono, diversificar as ofertas formativas, promover o envolvimento da comunidade em atividades desenvolvidas pela escola, a fim concretizar os objetivos expressos no PEE.

As atividades seguintes constam do PAA, à exceção da “Caricatura de João Grancho” e das “1 Olimpíadas da Oratória” por serem atividades que surgiram no decorrer do ano letivo.

II.7.1. Exposição dos trabalhos dos alunos da turma 12ºCAV

A exposição dos trabalhos dos alunos, consta no Plano Anual de Atividades. Assim no início do 2º período realizou-se uma exposição que visava difundir os trabalhos elaborados pelos alunos na disciplina de Desenho A. Os alunos, conjuntamente com os professores estagiários e o PC, trabalharam na organização da exposição.

A exposição realizada no átrio da ESF, contou com trabalhos das diversas unidades temáticas lecionadas no decorrer do 1º período. Na exposição foram mostrados trabalhos do Retrato, Autorretrato e Caricatura, contando ainda com alguns estudos da anatomia do rosto, mãos e pés (Apêndice XXX).

Esta exposição teve a duração de duas semanas e tinha como objetivo difundir o trabalho da disciplina de Desenho A, junto da comunidade educativa. Ninguém ficou indiferente Professores, Funcionários e alunos de outras turmas, à presença dos trabalhos, surgindo comentários bastante positivos ao trabalho desenvolvido pelos alunos.

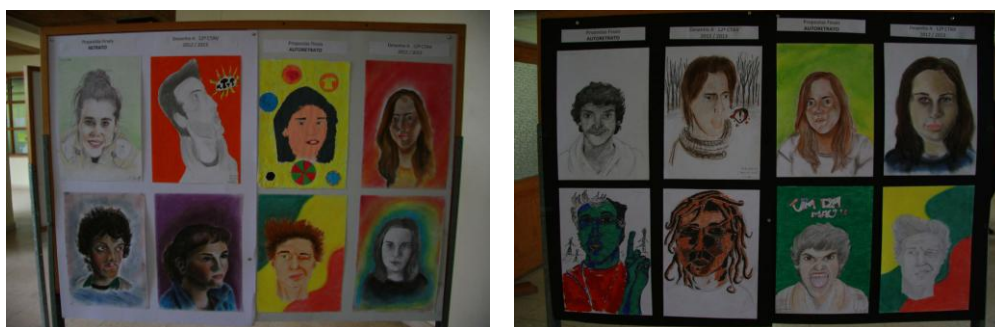


Figura 66 e 67 - Exposição dos trabalhos dos alunos no átrio da ESF

II.7.2. Caricatura Secretário de Estado

No dia 11 de Janeiro, com o culminar do módulo da caricatura, os alunos foram confrontados com o fato de ter de realizar a caricatura de João Grancho, Secretário de Estado do Ensino Básico e Ensino Secundário, aquando da sua vinda à ESF, a fim de inaugurar uma exposição na Biblioteca da Escola intitulada “A física no dia-a-dia”.

João Grancho, tem 55 anos e é professor do Ensino Básico desde 1980. Em Setembro de 2011 foi nomeado Diretor Regional de Educação do Norte, tendo já desempenhado funções de coordenador Adjunto do Centro de Área Educativa do Porto e coordenador das vertentes do Pré-Escolar, 1º Ciclo e EBM, entre outras.

Aos alunos foi-lhes entregue uma fotografia para o desenvolvimento da caricatura, sabendo à partida que uma delas seria escolhida. Os alunos mostraram-se motivados por poderem ver o

seu trabalho dignificado, com a finalidade de difundir as boas práticas desenvolvidas na ESF, através da oferta de um trabalho realizado por eles.



Figura 68 e 69 - Fotografia de João Grancho, Secretário de Estado do Ensino Básico e Ensino Secundário⁵⁹ e Caricatura trabalho realizado pela aluna Inês Marques

II.7.3. Visita de Estudo à Exposição “Paisagens Urbanas”

No dia 18 de Janeiro, os alunos da turma 12º CAV, acompanhados dos professores estagiários e do PC, deslocaram-se ao Centro Cultural a Moagem, onde visitaram a exposição “*Paisagens Urbanas*” da artista Joana Gancho.

Esta artista, natural de Lisboa, licenciou-se em Artes Plásticas pela Faculdade de Belas Artes, desenvolveu o seu trabalho na área da pintura, tendo realizado exposições por todo o país. No trabalho intitulado de “*Paisagens Urbanas*” o objeto representado são superfícies simplificadas de partes de aparências visuais das coisas, utilizando elementos do vocabulário visual: o plano, a linha e a cor, existindo “*uma sobreposição entre a imagem captada sobre o observado e a nossa herança imagética da ideia de espaço urbano. Há uma reconstrução das cidades para falar das relações das pessoas com o espaço através do olhar de quem observa a cidade*”⁶⁰



Figura 70 e 71 - Visita à Exposição de Joana Gancho, na Moagem

⁵⁹ Retirado da página da internet do: <http://www.portugal.gov.pt/pt/os-ministerios/ministerio-da-educacao-e-ciencia/conheca-a-equipa/secretarios-de-estado/joao-grancho.aspx>, acedido em 7/6/2013

⁶⁰ Retirado da página da internet do:

<http://www.ointerior.pt/noticia.asp?idEdicao=685&id=38039&idSeccao=8988&Action=noticia>, acedido em 10/6/2013

II.7.4. Olimpíadas da Oratória

O Núcleo de Estágio de Português, solicitou aos professores estagiários a colaboração na realização do cartaz e captura de vídeo no projeto “I Olimpíadas da Oratória”.

Olimpíadas da Oratória foi um projeto organizado pelo Núcleo de Estágio de Português, sob supervisão da Dr^a Maria de Jesus Lopes, em colaboração com os professores de português, apoiados pelo Departamento de Línguas da ESF, com o objetivo de promover a arte do bem falar.

Os professores estagiários aceitaram colaborar, tendo a autora deste relatório elaborado o cartaz. O cartaz apresentado foi do agrado do Núcleo de Estágio de Português, que se demonstraram bastante satisfeitos com o trabalho final.

No dia 8 de Março, pelas 18h30 os professores estagiários Ana Inês Pombo, João Lopes e a autora deste relatório, deslocaram-se à Biblioteca da ESF, a fim de proceder à captura de vídeo do Festival de eleição do campeão de escola destas Olimpíadas (Apêndice XXXI).

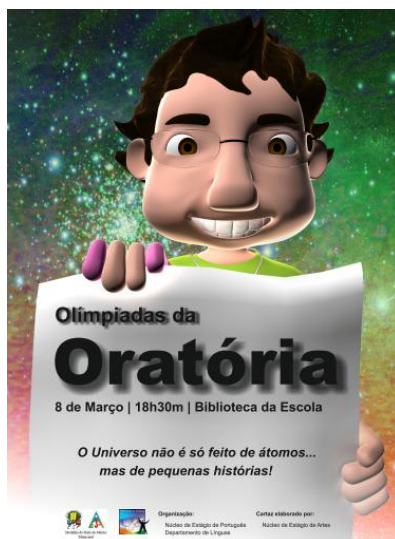


Figura 72 - Cartaz elaborado para as “I Olimpíadas da Oratória”

II.7.5. Visita de Estudo Espanha

No âmbito das disciplinas de Artes Visuais do Curso Científico-Humanístico, os professores Luís Branco e Mariana Azevedo do Grupo de Artes Visuais em colaboração com o Núcleo de Estágio, organizaram uma Visita de Estudo a Espanha, a fim de facilitar a visualização direta de obras artísticas, assim como a sua análise presencial.

A Visita de Estudo, com duração de 4 dias, decorreu entre os dias 12 e 15 de Março, em várias cidades espanholas.

Nesta visita participaram os alunos do 10º, 12º CAV e 11º LHAV, alunos dos Cursos Profissionais e ainda alguns alunos do 9º ano de escolaridade. Foram acompanhados pelo PC Luís Branco, a

Prof^a Mariana Azevedo e os professores estagiários. Os alunos foram divididos por dois grupos, tendo o PC e os professores estagiários João Lopes e Sara Fernandes acompanhado os alunos de 11^o e 12^o anos, e a Prof^a Mariana Azevedo e as professoras estagiárias Ana Inês Pombo e a autora deste relatório, os alunos de 10^o ano os alunos dos cursos profissionais e os de 9^o ano.

Saiu-se do Fundão, com destino a Tordesilhas, onde puderam visitar o centro histórico e o Museu do Tratado. No Museu puderam visitar as três salas existentes, começando pela análise aos mapas-mundo, antes do tratado, passando pelos livros e instrumentos de navegação que permitiram a descoberta de novas terras culminando em mapas onde é visível o mundo depois do tratado. Puderam analisar ainda uma reprodução do original do Tratado de Tordesilhas. À saída procedeu-se ainda à visita de algumas maquetes no pátio das Casas do Tratado, onde os alunos puderam contemplar detalhes dos elementos arquitetónicos de alguns edifícios emblemáticos daquela Vila.



Figura 73 e 74 - Visita ao Museu do Tratado de Tordesilhas

Após algum tempo de viagem, por fim chegou-se a Burgos. Local onde estava destinado o almoço volante entre professores e alunos. De seguida, procedeu-se à visita à Catedral Gótica, onde os alunos puderam presenciar um dos monumentos mais belos da Arte Gótica, tendo recebido o título de Património da Humanidade. As condições climatéricas não ajudaram, mas alguns alunos, resguardados puderam fazer alguns desenhos nos seus Diários Gráficos.

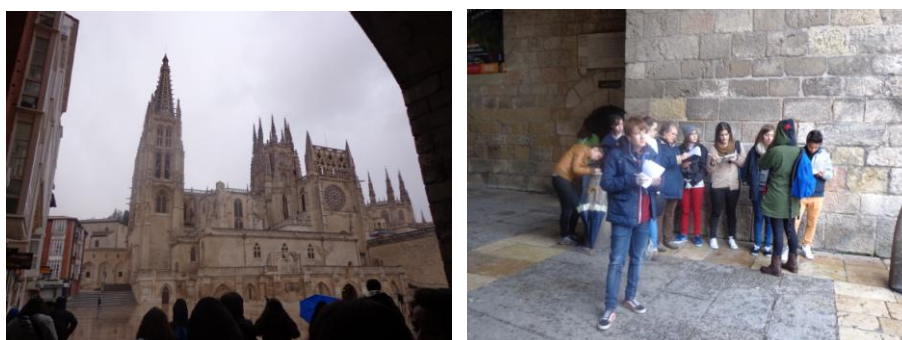


Figura 75 e 76 - Visita à Catedral Gótica - Burgos

Dali, saiu-se para Saragoza. À chegada, após algumas horas de viagem, efetuou-se uma visita rolante pela zona da cidade intervencionada aquando a construção da Expo em 2008, onde os alunos puderam apreciar, entre vários edifícios, a ponte pavilhão do Arq. Santiago Calatrava.

Pernoitou-se numa Pousada de Juventude, onde os alunos puderam jantar e conviver entre eles. Na manhã seguinte, o destino foi Barcelona.

Na chegada a Barcelona, após almoço volante, alojaram-se na Pousada de Juventude, seguindo-se para a Basílica da Sagrada Família, onde a PE Sara Fernandes deu a aula, que tinha programada, ao grupo que acompanhou. Tendo a autora deste relatório guiado o segundo grupo na visita, referindo a admiração que António Gaudí tinha nos elementos da Natureza, visíveis nas suas obras, assim como a simbologia e decoração das Fachadas da Basílica. No interior puderam visitar o museu, situado na cave da basílica, contemplando diversos objetos relacionados com o projeto, maquetes, plantas e desenhos originais de Gaudí, assim como dos seus colaboradores.

Pernoitou-se numa Pousada de Juventude, onde os alunos puderam jantar e conviver, procedendo-se, à noite, a uma visita pelas Ramblas.

No dia seguinte, efetuou-se a Visita ao bairro Gótico, em que o PE João Lopes, deu a aula abordando o Urbanismo de Barcelona, sendo que a autora deste relatório não esteve presente por estar a acompanhar o segundo grupo. No bairro Gótico, puderam visitar a Catedral Gótica seguindo-se as casas Batló e Milá, de Antonio Gaudí. Os alunos durante a manhã puderam fazer alguns desenhos nos diários gráficos, das fachadas dos edifícios emblemáticos da cidade.

De tarde, procedeu-se à Visita ao Parc Guëll, onde a autora deste relatório apresentou a sua aula (Apêndice XXXII). Iniciou a visita na escadaria referindo a que se destinava a construção deste parque. De seguida, referiu os dois pavilhões da entrada chamando a atenção para a técnica de revestimento empregue - o trencádís, passando às três fontes escultóricas que compõe as escadas, onde se encontra a famosa figura de um dragão, símbolo de Barcelona. Os alunos puderam ainda analisar os mosaicos côncavos e convexos que formam o padrão em xadrez, e que compõe as laterais da escadaria. Passou-se à sala das cem colunas composta por 86 colunas dóricas de ábaco octogonal, aqui foi exposto, aos alunos, a inovação técnica para a altura da sua construção, inerente àquela sala. Efetuou-se ainda uma visita a alguns aquedutos do parque, terminando na praça da natureza, onde a PE apresentou os principais elementos que constituem a praça, principalmente o banco ondulante de desenho ergonómico, os alunos foram ainda convidados a apreciar a vista da cidade de Barcelona e a efetuar alguns registos no diário gráfico. À saída a PE referiu ainda o cruzeiro, ponto mais elevado do parque, assim como a casa museu de António Gaudí.



Figura 77 e 78 - Aula da autora do relatório no Parque Güell

No dia seguinte, já em Madrid procedeu-se a uma visita urbana pelos pontos principais daquela cidade. O PC guiou esta visita, iniciando no Edifício Caixa Fórum Madrid, de seguida visitaram a “Plaza Maior”, a “Portas Del Sol”, “Plaza Cibeles” e fontanário do Rei Neptuno. De tarde, procederam-se as visitas aos Museus, começando pelo Prado, onde os alunos no geral puderam apreciar as obras de Goya e Velasquez. De seguida os alunos da turma de 12º ano acompanhados, pelos professores estagiários, Ana Inês Pombo e Paula Varandas, procederam à visita ao Museu Thyssen-Bornemisza, contemplando obras da exposição “*Impresionismo y aire libre. De Corot a Van Gogh*”. Puderam assim, analisar presencialmente obras dos grandes mestres do impressionismo. Posteriormente visitou-se o Museu Rainha Sofia, onde a PE Ana Inês Pombo, daria a aula que tinha planificada, analisando as obras “*Enigma sem fim*” de Salvador Dalí e “*Mulher, pássaro e estrela*” de 1942 e 1970 de Joan Miró, que infelizmente tinham sido emprestadas para outra exposição, pelo que pegando no catálogo da exposição convidou os alunos a procurarem elementos de ambas as obras em outros quadros dos respetivos artistas.

Aos alunos, foi-lhes distribuído panfletos com informações acerca da visita de estudo, a fim de realizarem os relatórios e, posteriormente os entregarem aos respetivos professores da disciplina.

II.7.6. Fórum Fundação Educa

De 25 de Maio a 1 de Junho realizou-se o Fórum Fundação Educa. Um projeto comum, dedicado à mostra de trabalhos, oficinas/ateliês, conferências, atividades desportivas e lúdico-pedagógicas, divulgando desta forma o trabalho desenvolvido pelos agrupamentos de escolas públicas e escolas privadas do concelho, contribuindo para o desenvolvimento educativo local.

Este evento teve lugar em vários pontos da cidade, de forma a envolver toda a comunidade educativa em geral, num projeto comum, mostrando o que de melhor se faz nos estabelecimentos de ensino do concelho.

A organização deste evento esteve a cargo do Concelho Municipal de Educação, da Câmara Municipal do Fundão e das diversas escolas, tendo ainda a colaboração de algumas entidades locais de atividades educativas, sociais e desportivas.

O NE em colaboração com o Grupo de Recrutamento 600, teve uma participação fundamental na organização da exposição coletiva que teve lugar na Sala de Exposições da Moagem e na preparação dos Workshops a decorrer no dia dedicado às Artes.

O Fórum foi composto por atividades diárias distribuídas pelas diversas áreas, sendo o dia 30 de Maio, destinado às Artes. Para além da exposição coletiva apresentada na Moagem, a turma do 12ºCAV, expôs os trabalhos realizados ao longo do ano na disciplina de Desenho A num espaço exterior da Moagem. Decorreram ainda oficinas de pintura, colagens e gravura, assim como ateliers, de desenho, animação e cianotipia, sendo estes acompanhados pelos professores estagiários.



Figura 79 e 80 - Exposição da turma 12º CAV no exterior da Moagem

Estes ateliers, não tiveram muito público devido às atividades estarem a decorrer por toda a cidade. No entanto foi possível realizar um atelier de desenho com alunos do 10º CAV e alguns alunos do 12ºCAV. Os professores estagiários João Lopes e Paula Varandas autora deste relatório acompanharam o grupo, a quem foi solicitado que na área circundante ao edifício da Moagem, se centrassem em elementos que à partida não saltam à vista e os desenhassem.



Figura 81 e 82 - Atelier de desenho na zona circundante à Moagem

O atelier de cianotipia por ter funcionado na entrada do edifício da Moagem, foi um dos ateliers que mais atraiu as pessoas, pelos trabalhos que foram surgindo, fotografias capturadas através de processos digitais e impressos a uma só cor (cyan) através de um processo de revelação analógico.



Figura 83 e 84 - Trabalhos resultantes do atelier de Cianotipia.

O atelier de animação, ficou à responsabilidade da PE Ana Inês Pombo, que realizou diversos Stop Motion com os alunos das várias turmas que se deslocaram à Moagem para assistir às peças de teatro e à exposição dos trabalhos dos alunos.

O Fórum terminou no dia 1 de Junho, com as comemorações do “Dia Mundial da Criança” e um concerto para jovens, tendo o NE colaborado na elaboração dos arcos a usar pelas escolas do 1ºCEB, no desfile das Marchas na cidade.

Considerações Finais

Este percurso que agora chega ao fim, encerra um projeto de dois anos. Dois anos de aprendizagem que ditam uma visão mais abrangente do trabalho como docente.

A experiência como docente dos oito anos antecedentes foi enriquecida com a aquisição de novos conhecimentos no decorrer do PES, contribuindo para um crescimento a nível profissional e pessoal. Os contatos com novos públicos, a adaptação de tarefas exigindo metodologias de ensino diferenciadas, adequadas a outros níveis etários e até a motivação dos alunos, facultaram um esforço maior do trabalho enquanto docente.

Os alunos tornaram-se fulcrais em todo o trabalho desenvolvido. A empatia e a disponibilidade com que receberam, a cooperação e o espírito de grupo, proporcionaram um ambiente de trabalho agradável. O rigor e a disciplina a que o PC nos habituou ditaram um rumo marcante na prática de ensino aprendizagem.

O espírito de grupo proeminente, no seio do núcleo de estágio, promoveu o apoio e a partilha de conhecimentos no decorrer da PES.

As UT por vezes tornaram-se demasiado diretivas segundo análise do PC, dificuldade que a autora deste trabalho nem sempre conseguiu ultrapassar. Pode-se dever ao fato de a autora deste relatório ter alguma experiência na docência, em outros contextos de ensino. É de referir que durante a PES a autora deste relatório conciliou, o trabalho como docente numa Escola Profissional, lecionando três disciplinas a um Curso de Educação e Formação e ainda como docente das Atividades Lúdico Expressivas, no 1º Ciclo do Ensino Básico em duas escolas. No entanto, nunca descuidou as suas responsabilidades enquanto professora estagiária nas duas turmas que lhe foram atribuídas e nas atividades complementares e extracurriculares tentando nunca perder de vista o perfil de docente exigido pela lei que rege os mestrados em ensino.

Quanto à investigação, embora a sua implementação não tenha sido possível no decorrer da PES, é uma mais-valia para o desenvolvimento profissional da autora deste relatório. A pesquisa efetuada constitui um projeto que poderá ser usado como recurso nas disciplinas de Artes Visuais em contexto sala de aula, ou então, poderá servir outros contextos de ensino. A proposta e planificação de atividades em torno da reutilização de materiais ou objetos descartáveis/descartados pela sociedade de consumo é, uma contribuição pessoal da autora deste relatório, no sentido de fornecer recursos didáticos dirigidos, especificamente, a esta temática que proporcionem, aos alunos, a possibilidade de experimentar compor e construir novos objetos de arte e como tal a dirigir um novo olhar para o que se “deita fora”, descobrindo potencialidades expressivas nas texturas, formas e estruturas dos mesmos de forma a criar um novo objeto a partir de um “velho”.

Muitos foram os artistas que ao longo do século XX, foram incluindo nas suas obras “lixo”, materiais sem utilidade e até elementos orgânicos, quer para mostrar o seu

descontentamento face à sociedade ou como forma de se expressar e olhar a natureza. A matéria e a técnica passaram a assumir um papel determinante, tornando-se parte essencial da conceção pictórica/escultórica. Romperam com a estética tradicional, permitindo que o artista, enquanto criador, utilizasse diversos materiais no processo de criação, que variam do feito à mão ao fabricado por meios mecânicos. Muitas vezes esses materiais eram resíduos ou objetos rejeitados pela sociedade. Criaram assim, uma aproximação entre a arte e a vida quotidiana, de maneira a provocar reflexões sobre o valor e uso das coisas.

Atualmente, com as preocupações ambientais, que têm vindo a aumentar, e com a escola direcionada no sentido de educar para a cidadania porque não pegar nos temas de forma a consciencializar os alunos e a comunidade em geral para a importância da reutilização de materiais.

A reciclagem/reutilização como instrumento de ensino, torna a escola mais inovadora procurando formar cidadãos críticos, democráticos e, acima de tudo, fomenta a aprendizagem através da prática e do contacto com o real, demonstrando a importância das aprendizagens para a contribuição no crescimento da nossa vida.

“Na Natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”

Lavoisier

Bibliografia

ARGAN, Giulio Carlo. (1995). *Arte e Crítica de Arte*. Lisboa: Editorial Estampa.

BARROS, Sofia. QUEIRÓZ, João. RAMOS, Artur. REIS, Vítor. (2001). *Programa Ministerial de Desenho A 10º Ano - Curso Científico Humanístico de Artes Visuais*. Ministério da Educação.

BARROS, Sofia. QUEIRÓZ, João. RAMOS, Artur. REIS, Vítor. (2002). *Programa Ministerial de Desenho A 11º-12º Anos - Curso Científico Humanístico de Artes Visuais*. Ministério da Educação.

BROWER, Carla. MALLORY, Rachel. OHLMAN, Zachary. (2007) *Diseño Eco-Experimental - Arquitectura, Moda, Productos*. Editorial Gustavo Gili, Sl.

BUCHHOLZ, Elke Linda, ZIMMERMANN, Beate. *Picasso*, Könemann: Mini Guia de Arte.

Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular. *Currículo Nacional do Ensino Básico - Ajustamento do Programa de Educação Visual do 3º Ciclo*. Lisboa: ME/DGIDC.

ELGER, Dietmar. *Dadaísmo*. Taschen.

GONÇALVES, Luísa. ALÍRIO, Emília. (2005). *PROGRAMA DE OFICINA DE ARTES 12º Ano - Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais*. Ministério da Educação.

HISTÓRIA DA ARTE. (2006). *As vanguardas do expressionismo ao abstrato - Vol.17*. Editorial Salvat.

HOFSTÄTER, Hans H.(1980). *Arte Moderna - Pintura, Gravura e Desenho*. Editorial Verbo.

MODESTO, António. ALVES, Cláudia. FERRAND, Maria. (2012). *Guia do Professor - Manual de Educação Visual - 7º/8º/9ºAnos*. Porto Editora.

MUNARI, Bruno.(1981). *Das coisas nascem coisas*. Edições70.

MUNARI, Bruno.(1968). *Design e Comunicação Visual*. Edições70.

MUNARI, Bruno.(1978). *A arte como ofício*. Edições70.

RODRIGUES, António da Cruz. CUNHA, Fernanda, FÉLIX, Vanessa. (2012). *Metas Curriculares - Ensino Básico - Educação Visual - 2º e 3º Ciclo*. Lisboa: MEC/DGE

SOUSA, Alberto. (2003). *Educação Pela Arte e Artes na Educação - 3.º Volume - Música e Artes Plásticas*. Instituto Piaget.

WARBURTON, Nigel. (2007). *O que é a Arte?*. Editorial Bizâncio.

WESCHER, H.(1974). *La historia del collage - Del cubismo a la actualidad*. Editorial Gustavo Gili, S.A.

Netgrafia

<http://www.abcd-artbrut.net/>

<http://www.arman.com/>

<http://www.artbrut.ch/>

http://www.ciladamental.com/2009_11_01_archive.html

<http://www.cordeirosgaleria.com/artistas/at/at.htm>

<http://www.designatento.com/>

http://www.designboom.com/snapshots/london_02/shinichi.html

http://www.dubuffetfondation.com/bio_set_aug.htm

<http://www.evamez.com/about>

<http://www.incredibleart.org/>

<http://www.joshuaallenharris.com/>

<http://www.loisenevelsonfoundation.org/>

<http://www.nikidesaintphalle.org/>

<http://www.nikckgentry.com/>

<http://www.oseculoprodigioso.blogspot.pt/>

<http://www.pistoletto.it/>

<http://www.robertbradford.co.uk/>

<http://www.skeletonsea.com/>

<http://www.studiogardere.com/>

<http://www.studiorob.co.uk/about-1/>

<http://www.vikmuniz.net/pt>

Índice de Anexos

Anexo I	Regulamento Interno da ESF
Anexo II	Projeto Educativo de Escola
Anexo III	Projeto Curricular de Escola
Anexo IV	Plano Anual de Atividades
Anexo V	Plano Plurianual de Atividades
Anexo VI	Projeto “Metas Curriculares” - Educação Visual
Anexo VII	<i>Curriculum Vitae</i> da Prof ^a Doutora Fátima Caiado
Anexo VIII	<i>Curriculum Vitae</i> do Prof ^o Mestre Luís Branco
Anexo IX	Plano de Estudos do CAV
Anexo X	Imagem “ <i>Roy Lichtenstein</i> ”
Anexo XI	Vídeo Caricaturas

Índice de Apêndices

Apêndice I	<i>Curriculum Vitae</i> Paula Varandas
Apêndice II	Análise das disciplinas do CAV
Apêndice III	Planificações Anuais do 8º e 12º Anos
Apêndice IV	Fichas de avaliação diagnóstica do 8º e 12º Anos
Apêndice V	Planificação da UT - Elementos da Linguagem Visual: Ponto e Linha
Apêndice VI	CrITÉrios de Classificação da UT - Elementos da Linguagem Visual: Ponto e Linha
Apêndice VII	Planos de Aula da UT - Elementos da Linguagem Visual: Ponto e Linha
Apêndice VIII	Diaporama - Aula 1
Apêndice IX	Diaporama - Aula 2
Apêndice X	Proposta de Atividades da UT - Elementos da Linguagem Visual: Ponto e Linha
Apêndice XI	Planificação da UT - Retrato, Autorretrato e Caricatura
Apêndice XII	CrITÉrios de Classificação da UT - Retrato, Autorretrato e Caricatura
Apêndice XIII	Planos de Aula do módulo do Autorretrato
Apêndice XIV	Diaporama - Aula 1 - Autorretrato
Apêndice XV	Diaporama - Aula 2 - Autorretrato
Apêndice XVI	Diaporama - Aula 3 - Autorretrato
Apêndice XVII	Planos de Aula do módulo da Caricatura
Apêndice XVIII	Diaporama - Aula 1 - Caricatura
Apêndice XIX	Diaporama - Aula 2 - Caricatura
Apêndice XX	Diaporama - Aula 3 - Caricatura
Apêndice XXI	Planificação da UT - Vista imaginária de espaços, para além do visível
Apêndice XXII	CrITÉrios de Classificação da UT - Vista imaginária de espaços, para além do visível
Apêndice XXIII	Planos de Aula da UT - Vista imaginária de espaços, para além do visível
Apêndice XXIV	Diaporama - Aula 1 - Vista imaginária de espaços, para além do visível
Apêndice XXV	Diaporama - Aula 2 - Vista imaginária de espaços, para além do visível
Apêndice XXVI	Diaporama - Aula 3 - Vista imaginária de espaços, para além do visível
Apêndice XXVII	CrITÉrios de Classificação do Portefólio
Apêndice XXVIII	Avaliação das UT de 8ºAno
Apêndice XXIX	Avaliação das UT de 12ºAno
Apêndice XXX	Vídeo da Exposição dos trabalhos dos alunos 12º CAV
Apêndice XXXI	Vídeo das “ <i>I Olimpíadas da Oratória</i> ”
Apêndice XXXII	Parque Güell

Documento escrito conforme o Acordo Ortográfico

